

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VALERIA ROMANZINI CENCI

**Dentro e fora das quatro linhas: o futebol como instrumento de transformação histórica
no município de Constantina-RS**

**Chapecó
2026**

VALERIA ROMANZINI CENCI

**Dentro e fora das quatro linhas: o futebol como instrumento de transformação histórica
no município de Constantina-RS**

**Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado do
Programa de pós-graduação em
História (Campus Chapecó).
Trabalho realizado pela linha de
Pesquisa 2: História dos
Movimentos e das Relações
Sociais**

Orientador: Gérson Wasen Fraga

Chapecó, fevereiro de 2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cenci, Valeria Romanzini

Dentro e fora das quatro linhas: o futebol como instrumento de transformação histórica no município de Constantina-RS / Valeria Romanzini Cenci. -- 2026.
80 f.

Orientador: Doutor Gerson Wasen Fraga

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, 2026.

1. Município de Constantina. 2. Futebol Amador. 3. História Regional. I. Fraga, Gerson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

VALERIA ROMANZINI CENCI

**Dentro e fora das quatro linhas: o futebol como instrumento de transformação histórica
no município de Constantina-RS**

**Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado do
Programa de pós-graduação em
História (Campus Chapecó).
Trabalho realizado pela linha
de Pesquisa 2: História dos
Movimentos e das Relações
Sociais**

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/03/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GERSON WASEN FRAGA**
Data: 03/06/2026 16:40:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ISABEL ROSA GRITTI**
Data: 05/06/2026 09:26:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **JOEL JOAO CARINI**
Data: 05/06/2026 11:12:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Joel João Carini
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse período de mestrado encarei o luto por diversas vezes, cada vez que sentei em frente ao computador para escrever esse trabalho a dor da perda sentava-se comigo. Essa pesquisa nasce com meu amor em ouvir histórias, ouvir as histórias do meu vô Idi e da minha tia Glória, dois apaixonados pelo futebol e humoristas de sorriso fácil. Durante o período da pesquisa perdi ambos e por muito tempo me perdi também. Voltar a escrever não foi nada fácil e por isso quero agradecer a pessoas que, em momento nenhum, saíram do meu lado. Minha gratidão a minha mãe Claudete, meu pai Ivair, meu irmão Bruno e minha tia Rose - eles não mediram esforços para que eu fosse para Constantina e pudesse fazer as entrevistas para a pesquisa. Minha vó Maria que rezou por mim assim como rezava para que meu vô não se machucasse em campo. Agradeço ao meu orientador, Gérson, que acreditou em mim e teve paciência com minhas dificuldades - que foram muitas. Agradeço ao PPGH pela oportunidade, por acreditar no meu projeto enquanto jornalista e compreendeu minhas limitações. Minha gratidão à minha psicóloga Eliandra que me ajudou a ver o caminho e a construir formas de conseguir caminhar. Quero agradecer também as minhas amigas Amanda, Dandara, Malu e Gabriela que muito me ouviram e tiveram a sensibilidade de entender o processo pelo qual eu passava. Agradeço imensamente aos entrevistados, cada um deles, que abriram a porta de casa e me receberam com chimarrão e histórias incríveis.

RESUMO

Esta dissertação investiga o futebol amador como elemento constitutivo da vida comunitária no município de Constantina, no noroeste do Rio Grande do Sul, analisa como os laços familiares, rivalidades, religiosidade, trabalho e práticas de lazer se articulam em torno do esporte e são transmitidas por meio de memórias e “causos” intergeracionais. O objetivo é mapear a formação das comunidades rurais e urbanas que compunham Constantina entre 1950 e 1970 e identificar a presença do futebol na construção comunitária local, considerando as diferentes matrizes culturais do município — imigração italiana e alemã, caboclos, presença de descendentes de negros escravizados e ex-escravizados e grupos indígenas Kaingang e Guarani Ñandeva localizados na Terra Indígena Serrinha (Pinheiro Ralo/Fág Kavá). O recorte temporal prioriza transformações sociais e territoriais que antecedem processos de emancipação municipal (Liberato Salzano, 1964; Engenho Velho, 1992; Novo Xingu, 1996), mobilizados como chave interpretativa para compreender diferenças culturais e os impactos na dinâmica do futebol. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na História Oral, articulada às reflexões sobre memória de Pierre Nora (1993) e ao debate sobre futebol e cultura em Damo (2003), além de Thompson (1963) para pensar disputas como formas de cultura e lazer. As fontes centrais são 30 entrevistas com sujeitos vinculados ao futebol nas comunidades estudadas, complementadas por registros bibliográficos sobre a história local (Santos, 2011; Carini, 2024). Os resultados indicam que o futebol atuou como espaço de sociabilidade, pertença e afirmação identitária, influenciando a organização comunitária, a relação com a religiosidade e as formas de lazer, ao mesmo tempo, em que evidenciou desigualdades de acesso a recursos, informações e infraestrutura entre os diferentes grupos. Conclui-se que o futebol, dentro e fora das quatro linhas, constitui instrumento de transformação histórica e de preservação de memórias, contribuindo para fortalecer a autoestima local e ampliar os registros históricos regionais.

PALAVRAS-CHAVE: Município de Constantina, Futebol Amador, História Regional.

ABSTRACT

This dissertation investigates amateur football as a constitutive element of community life in the municipality of Constantina, in the northwest of Rio Grande do Sul, Brazil. It analyzes how family ties, rivalries, religiosity, work, and leisure practices are articulated around the sport and transmitted through intergenerational memories and *causos* (anecdotes). The objective is to map the formation of rural and urban communities that comprised Constantina between 1950 and 1970 and to identify the presence of football in local community building, considering the different cultural matrices of the municipality—Italian and German immigration, caboclos, the presence of descendants of enslaved and formerly enslaved Black people, and Kaingang and Guarani Ñandeva indigenous groups located in the Serrinha Indigenous Land (Pinheiro Ralo/Fág Kavá). The temporal scope prioritizes social and territorial transformations that precede municipal emancipation processes (Liberato Salzano, 1964; Engenho Velho, 1992; Novo Xingu, 1996), mobilized as an interpretive key to understand cultural differences and their impacts on the dynamics of football. Methodologically, the research is based on Oral History, articulated with Pierre Nora's (1993) reflections on memory and the debate on football and culture in Damo (2003), in addition to Thompson (1963) to consider disputes as forms of culture and leisure. The main sources are 30 interviews with individuals linked to football in the studied communities, complemented by bibliographic records on local history (Santos, 2011; Carini, 2024). The results indicate that football acted as a space for sociability, belonging, and identity affirmation, influencing community organization, the relationship with religiosity, and forms of leisure, while simultaneously highlighting inequalities in access to resources, information, and infrastructure among the different groups. It is concluded that football, both inside and outside the four lines, constitutes an instrument of historical transformation and preservation of memories, contributing to strengthening local self-esteem and expanding regional historical records.

KEYWORDS: Municipality of Constantina. Amateur Football. Regional History.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 - Mapa da do Rio Grande do Sul com destaque para o município de Constantina em vermelho. Esse é o território pós emancipações, com a configuração atual - com o distrito de Engenho Velho a Leste, Novo Xingu Noroeste e Liberato Salzano ao Norte. (Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu).

Figura 02 - Mapa da região pesquisada que inclui o território do atual município de Constantina e, os atualmente emancipados, distritos de Engenho Velho, Novo Xingu e Liberato Salzano (Fonte: Google Maps e edição da autora).

Figura 03 - Mapa do atual município de Constantina com destaque para a localização de algumas comunidades. (Fonte: Mapa disponibilizado pela Prefeitura de Constantina).

Figura 04 - Imagens do casarão ainda preservado da família Bonfanti na comunidade, com malas trazidas na imigração italiana, máquina de costura e de escrever, além de quadros religiosos. (Fotos: Valeria Cenci).

Figura 05 - Registro de um título conquistado pela equipe da Linha Gardinha, a imagem é composta por atletas e membros da comunidade de diferentes idades. Na fotografia é possível observar o uniforme do clube inspirado na camisa do Vasco da Gama. (Fonte: Arquivo pessoal).

Figura 06: Foto da equipe infantil do Esporte Clube Corinthians, sob o comando do morador local Vanildo Gueller. O registro foi feito em 1995.

Figura 07 - Registro de um título conquistado pela equipe do Clube Comercial, a imagem é composta principalmente por atletas e torcedores. (Fonte: Arquivo pessoal).

Figura 08 - Registro de um caminhão carregado de torcedores preparados para acompanhar um jogo do 1º de Maio em outra localidade - o destino não foi identificado pelos entrevistados. (Fonte: Arquivo pessoal).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 REFLEXÃO TEÓRICA	13
2.1 A História Oral e o papel do futebol na formação da identidade comunitária em Constantina	13
2.2 A comunidade e o papel do futebol na construção das identidades	18
3 FORMAÇÃO DE CONSTANTINA	23
3.1 O povo originário das terras de Taquaruçu: a Expropriação de Terras Indígenas e a Criação da Reserva Serrinha	23
3.2 A formação dos municípios de Constantina e o nascer da paixão pelo futebol	26
3.3 O futebol como instrumento de formação cultural em Constantina/RS	32
4 AS COMUNIDADES, FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO	35
4.1 As comunidades de Constantina e prática da História Oral na coleta de entrevistas	35
4.2 O espaço rural de Constantina, as drásticas mudanças e o futebol que sobrevive na memória	37
4.2.1 Vila Capinzal	37
4.2.2 Linha Sanga das Pedras	39
4.2.3 Linhas Alto Paraíso	39
4.2.4 Linha Scolari	40
4.2.5 Linha Bonfanti	42
4.2.6 Linha São Marcos e São Marcos Alto	44
4.2.7 Linha Gramado	45
4.2.8 Linha Candaten e Candaten Alto	46
4.2.9 Linha Barra Curta Baixa e Linha Barra Curta Alta	47
4.2.10 Linha Bressan	48
4.2.11 Linha São Pedro Deon	49
4.2.12 Linhas Três	50
4.2.13 Linha Savaris	51
4.2.14 Linha Sabadin	52
4.2.15 Linha Rodeio São João e Rodeio Alto	52
4.2.16 Linha Belli	54
4.2.17 Linha Matriz	54
4.2.18 Linha Guardinha	55
4.2.19 Linha Gheller	57
4.2.20 Linha Encruzilhada	58
4.3 Os bairros e os distritos: diferenças territoriais e culturais	59
4.3.1 Bairro Sete de Setembro	59
4.3.2 Bairro São Roque	60
4.3.3 O Clube Comercial	61
4.3.4 O Distrito de Novo Xingu	63

4.3.5 O Distrito de Engenho Velho	64
4.3.5.1 A reserva da Serrinha no Engenho Velho	66
4.3.7 Liberato Salzano	67
5 FUTEBOL COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E IDENTITÁRIA	68
5.1 Futebol, superstições e o impacto cultural do esporte em Constantina	68
5.2 O futebol de várzea e a bricolagem	71
6 CONCLUSÃO	74
7 REFERÊNCIAS	78

1. INTRODUÇÃO

A construção da ideia de comunidade, as amizades e rivalidades, presentes no atual município de Constantina, localizado no noroeste do Rio Grande do Sul, são responsáveis por histórias que fazem grupos pararem o que estão fazendo só para ouvir. Cada lance, cada jogo, cada construção ganha novos contornos quando se olha com carinho, desde o mata campo arrancado dos poteiros até o pé descalço cheio de rosetas. A fé, o trabalho e o esporte, presentes em ‘causos’ passados por gerações, fez nascer a inquietação que move a presente pesquisa.

As reflexões que inspiram a construção do texto que segue nasceram com o livro “Dentro e fora das quatro linhas”. A obra foi, originalmente, o resultado de meu trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, oportunidade em que apresentei e explorei os personagens que construíram o Campeonato Municipal de Futebol de Constantina desde a década de 1970 até o fim das disputas, em 2015.

Devido à quantidade de elementos apresentados ao longo da pesquisa da graduação em Jornalismo, surgiu a necessidade de ampliar o olhar para as histórias do certame, caminho que já não seria possível trilhar por meio das ferramentas da reportagem. Além disso, desta vez o foco seria em utilizar o futebol como um elemento cultural que é apresentado e construído em cada uma das comunidades presentes no município.

Outro motivador são os registros publicados sobre o município: os livros “Constantina: 50 anos de história e histórias”, (Santos, 2011) e “Das posses dos Valérios a Engenho Velho: evolução histórico-territorial do município de Engenho Velho/RS (1890-1990)” (Carini, 2024). Ambas as obras apresentam contextos políticos e históricos do local em questão, passam pelo futebol e registram a importância do tema no contexto das formações da região.

Para tal, o estudo tem por objetivo mapear a formação das comunidades rurais e urbanas que compunham o município de Constantina, no período de 1950 até 1990, e identificar a presença do futebol na construção comunitária local. Ao identificar a presença do esporte em cada local, a pesquisa passa pelo contexto cultural da imigração, presença indígena, negros e organização econômica dos grupos.

A pesquisa foi feita por meio de entrevistas, com base nas teorias de História Oral, método que possibilitará identificar elementos presentes na composição dos espaços - seja no quesito estrutural ou cultural/comportamental. São as fontes orais que irão contar a trajetória de formação e construção dos espaços comunitários com base na construção religiosa, das formas de trabalho e na construção de espaços de lazer. No total, são 30 entrevistados,

representando cada uma das comunidades, com vivência no âmbito do futebol - seja dentro ou fora de campo.

Além das possibilidades da história oral de Alberti (2005), serão utilizados na pesquisa as perspectivas da história e memória propostas por Pierre Norá (1993). Quanto ao futebol, para além do esporte em si, debatido por Damo (2003), podemos pensar nas disputas como formas de cultura e lazer, segundo aponta Thompson (1963).

Os locais pesquisados são divididos em quatro principais elementos de ocupação: as comunidades formadas por imigrantes italianos, os alemães, os descendentes de negros escravizados e ex-escravizados, e os indígenas Kaingang e Guarani Ñandeva localizados na reserva Terra Indígena Serrinha, Pinheiro Ralo (Fág Kavá). A divisão auxiliará na melhor compreensão das emancipações que o território de Constantina passou ao longo dos anos.

As diferentes culturas presentes no município, com o passar dos anos, se evidenciaram com processos de emancipação. No período para o qual a pesquisa se dedica, ocorrem dois movimentos em Constantina. Do espaço colonizado por imigrantes alemães surgiu, em 1996, o município de Novo Xingu - o qual, até então, era um distrito de Constantina. Ao mesmo tempo, um pouco antes, o espaço composto por imigrantes italianos e 53% do território indígena se tornou o Engenho Velho, em 1992.

O contexto das emancipações são pontuadas no presente estudo no sentido de identificar as diferenças culturais e o impacto disso na dinâmica do futebol em cada um dos espaços. Cada diferença cultural reflete no acesso aos espaços de jogo, instrumentos, informações sobre o esporte e desenvolvimento das equipes - até mesmo a religiosidade de cada espaço impacta em campo.

Diante do exposto, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como as lembranças ainda seguem vivas, mesmo que em tempos de pouco apelo e atenção ao esporte local em comparação ao que vem de fora. Dessa forma, objetiva-se fortalecer a autoestima local, que em meio ao contexto de globalização desenfreada e de identidades desterritorializadas, fica esquecida. O trabalho também deseja contribuir com os registros da região Noroeste do Rio Grande do Sul e da Fronteira Sul do Brasil.

Com o estudo será possível abordar a formação da sociedade do município de Constantina no Rio Grande do Sul. Além de analisar a formação da comunidade por meio de fontes orais, a pesquisa dedicou atenção para a formação dos times que representam cada uma das comunidades do município e o impacto na formação social, na religiosidade, nos aspectos culturais e de lazer que perpassam pela história dos certames.

Destaca-se que não se trata apenas de um resgate do futebol, é preciso entender e conhecer a história daqueles que já dedicaram e ainda dedicam a vida ao esporte. São narrativas de um futebol que vai além das quatro linhas, que é política e cultura de Constantina. Esse é o futebol que faz brilhar os olhos ao ouvir cada um dos personagens, a individualidade se sobressai e é possível perceber a euforia no mais tímido e a voz embargada naquele da melhor oratória. Essa pesquisa é um convite para olhar o passado contado com brilho nos olhos, com causos de um tempo onde a criatividade transformava uma bexiga de porco em bola de futebol!

2 REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 A História Oral e o papel do futebol na formação da identidade comunitária em Constantina

Muito se fala sobre ter os avós presentes na infância, a doçura e o cuidado próprios de quem quer dar aos netos o tempo que não dedicou aos filhos. Bem, essa é uma forma de ver. Quando se convive muito com os avós é possível adquirir conhecimentos que muitas vezes nem nossos pais tiveram acesso, isso porque essas figuras passam a compartilhar suas experiências de vida e memórias que marcaram a trajetória. Eis que surge uma riqueza imensa dessa relação: aprender a ouvir e prestar atenção. Quando os avós compartilham as próprias histórias, eles querem compartilhar aquilo que os marcou. Foi assim, ao parar e ouvir o que queriam dividir que pude perceber a riqueza do futebol jogado nos poteiros e várzeas do interior de Constantina.

Jacques Le Goff explica que a memória é um material bruto, passível de erros, lacunas e emoções. Ela é uma função psíquica e social, recortado e selecionado segundo a vivência daquele que conta. Enquanto isso, a história é a ciência. Um esforço crítico para organizar essa memória, confrontá-la com outras fontes e produzir um conhecimento que seja verificável. A partir disso, vamos olhar para essas memórias e juntos perceber a construção histórica do futebol de Constantina, as nuances de cada grupo e a forma como ele esteve inserido nos processos de formação das comunidades do município.

Para compreendermos essa realidade, trabalhamos com a História Oral e as possibilidades de ouvir com critérios científicos e metodologia. Uma maneira de seguir ouvindo os causos dos avós, mas dessa vez para registrar e entender o papel dessas memórias na construção histórica do lugar onde viveram. No âmbito da História Oral, Verena Alberti (2021) nos ajuda na coleta de dados com regras metodológicas para assim tornar a memória em história.

A escolha pela história oral se dá pela falta de registros, sejam escritos ou fotográficos, das experiências de grupos e indivíduos que chegaram em Constantina para construir a vida em uma nova terra. Ao utilizar essa metodologia, não estamos apenas "recuperando" um passado estático, mas compreendendo como esse passado é elaborado no presente. Alberti (2021) ressalta que a narrativa oral é, antes de tudo, uma interpretação. O documento gerado pela entrevista não é um reflexo puro da realidade, mas uma versão carregada de subjetividade, que constitui riqueza para a análise histórica e social.

Ao utilizar a obra de Alberti, temos como foco a compreensão da natureza da memória. A autora argumenta que a memória não é um depósito de fatos imutáveis, mas uma reconstrução constante feita a partir das demandas do presente. Em *Ouvir Contar* (2004), Alberti destaca que o esquecimento, as pausas e as ênfases dadas pelo entrevistado são tão importantes quanto o que é dito factualmente. Com base nisso, as entrevistas foram, para além de ouvir, um exercício de observar, cada pausa, o tom de voz e as lágrimas que cada personagem entregou junto às histórias que contou gentilmente para a presente pesquisa.

O mesmo é destacado na obra *História oral: como fazer, como pensar* de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2011). No texto, os autores pontuam que muitos dos elementos não verbais, também integram a narrativa. Esses elementos, como os gestos, lágrimas e risos, são elementos não captados na gravação, mas que devem ser observados pelo pesquisador, os quais enriquecem a narrativa - destaca-se aqui a necessidade da entrevista cara a cara, que exige atenção e sensibilidade por parte de quem conduz a entrevista.

Portanto, ao analisar as entrevistas, o foco recai sobre a "subjetividade" dos narradores. Alberti (2005) nos ensina que devemos estar atentos não apenas à veracidade dos fatos (a "verdade factual"), mas à "verdade do sujeito" — ou seja, como aquele indivíduo conferiu sentido à própria trajetória em meio aos acontecimentos históricos. Quando pensamos na subjetividade e no poder que tem a memória em se reestruturar a partir do que aconteceu, com base na experiência individual, buscamos no coletivo as lembranças para nos aproximarmos de um registro adequado.

Portanto, recorremos ao autor Maurice Halbwachs, no livro “A memória coletiva”, em que ele explica que a memória dos grupos, com a junção de várias experiências e vivência de determinados fatos, pode reconstruir acontecimentos “[...] e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo.” (HALBWACHS, 1990, p. 27). Por meio destes relatos é possível contribuir no resgate e registro destas histórias.

Para tal é necessário conhecer o grupo, as origens, crenças, trabalho e hábitos. Por esse motivo recorremos à entrevista como forma de construir laço e proporcionar conforto aos personagens. Diferente de um questionário impessoal, a entrevista de história oral é definida por Alberti como um evento de interação social. O conhecimento produzido é fruto do encontro entre entrevistador e entrevistado. No *Manual de História Oral* (2005), a autora enfatiza que o pesquisador não é uma figura neutra; a presença, as perguntas e até seu silêncio

influenciam a narrativa. Cada parte do processo foi resultado de pesquisa e embasamento teórico.

Meihy e Holanda (2011) também tratam do tema e explicam que não se trata de um questionário frio para obter dados exatos, pois isso não seria a prática de história oral. “É equivoco supor que o mero ato de entrevistar equivale a fazer história oral” (Meihy e Holanda, 2011; p. 25). Para tal, Alberti (2021) orienta sobre o formato, a construção e a condução das conversas para que tenham os elementos necessários.

As conversas necessitam de planejamento, estrutura e sensibilidade. O momento de intervir e de respirar para ouvir o que iria se desenrolar. Cada passo conta na construção de um laço de confiança entre a fonte e o pesquisador. Essa conexão proporciona maior riqueza de detalhes e a tranquilidade de buscar nas memórias o que de mais rico tem em reviver um momento da própria história.

A metodologia proposta por Alberti, exige que o pesquisador assuma o papel de coautor da fonte. A condução da entrevista, a escolha do roteiro e a empatia estabelecida são ferramentas cruciais para a narrativa fluir, para transformar a memória individual em um documento com rigor científico.

Nessa perspectiva, a passagem da oralidade para a escrita (transcrição) é vista por Alberti não como uma tarefa mecânica, mas como uma "tradução" cultural. O objetivo é manter a fidelidade ao sentido do que foi dito, sem, contudo, prejudicar a fluidez da leitura, na busca do equilíbrio entre a espontaneidade da fala e a norma culta necessária para a compreensão do texto (ALBERTI, 2005).

Para contribuir nesse processo, além dos autores de história oral, também integrei as técnicas de entrevista utilizadas pelo jornalismo, na busca de estabelecer laços e assim construir um diálogo entre personagens e pesquisadores. O ato de entrevistar é uma das formas mais ricas de captação no jornalismo. Essa relação de troca e aprendizado com os entrevistados faz com que a produção seja mais humana e, assim, capaz de encontrar - e contar - as mais ricas e belas histórias.

A autora Cremilda Medina propõe, em seu livro “Entrevista: um diálogo possível”, que o ato de entrevistar vai além de uma simples sequência de perguntas e respostas. É necessário que se estabeleça um diálogo. Nesse método, descrito por Medina (2002), ao possibilitar tal “Diálogo”, se estabelece uma relação de confiança e cuidado. A autora trata a entrevista como “[...] a arte de ouvir, perguntar e conversar.” (MEDINA, 2002, p. 10). Por meio da sensibilidade de ouvir, e ouvir com atenção, se pode encontrar belas histórias.

Cremilda destaca em seu livro que a entrevista “é uma técnica de interação social” (MEDINA, 2002, p. 8), que busca quebrar o isolamento de grupos, ou mesmo de indivíduos. Através dessa linguagem, pode servir como uma plataforma de disseminação da “pluralização de vozes e da distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2002, p. 8). A entrevista proporciona conhecer as histórias de pessoas que representam figuras importantes dentro do próprio círculo de convívio.

Para compreender o futebol e a complexidade social, esta pesquisa apoia-se na obra de Arlei Sander Damo, o que contribui com um olhar da antropologia dos esportes no Brasil. Damo rompe com a visão romântica do futebol apenas como jogo ou paixão nacional, ele propõe uma análise que o encara como um sistema cultural e econômico complexo. O autor nos permite perceber que o futebol moderno deve ser lido entre o “lúdico” (o brincar) e o “profissional” (o trabalho/espetáculo).

Damo se faz fundamental em pesquisas sobre os esportes, em especial o futebol, pois contribui na compreensão sobre as críticas ao esporte como um elemento de manipulação política. Ao olharmos para a crítica ao esporte, por vezes transformada em militância anti-esportiva, Damo apresenta o tema como uma leitura possível da realidade. No ensaio Futebol e estética, Damo (2001) aponta que o futebol não pode ser lido como um conceito fechado.

O ritual disjuntivo, o “pertencimento” clubístico e o jogo absorvente são categorias que nos permitem chegar ao gosto dos torcedores, incursionando sobre os valores éticos e estéticos que orientam esta modalidade de participação na vida pública das sociedades contemporâneas. O futebol e os demais esportes não devem ser entendidos como meros negócios manipulados pelas grandes corporações multinacionais, mas também não se pode ignorar a influência delas. (DAMO, 2001; p. 91)

Essa reflexão apresentada pelo autor demonstra o papel do futebol em meio a construção de grupos, como impacta a formação dos mesmos e é por ela moldado. No contexto da presente pesquisa buscamos identificar elementos sociais dos diferentes grupos presentes em Constantina e como em cada espaço o esporte construiu laços e senso de comunidade para além das fronteiras do campo.

Em outra obra, Damo (2018) apresenta a perspectiva para além do futebol sob holofotes, que movimenta multidões e milhões de reais. O futebol tratado aqui é o de várzea, que nem sempre conta com bola e um terreno plano para o jogo. O autor reflete sobre a

demonstração de que há futebol fora das narrativas hegemônicas. Ao basear a presente pesquisa nos estudos de Damo, temos por objetivo olhar para os “[...] personagens, as memórias, narrativas, dilemas, paixões, enfim, [...]” (Damo, 2018; p. 132).

Neste ponto cabe ressaltar que o termo utilizado neste trabalho é o de ‘futebol de várzea’, que, segundo Damo (2018), também pode ser chamado de futebol comunitário, que tem como elemento central ser uma prática amadora e que prima pela interação dos membros de um grupo geográfico. Vamos observar essas características na descrição do time constituído em cada uma das comunidades de Constantina, sejam rurais ou urbanas. Outro elemento para justificar o uso do termo ‘várzea’ é ao fato de que, devido ao relevo da região do noroeste do Rio Grande do Sul, a maioria dos campos eram delimitados em terrenos planos, os quais são chamados de várzeas.

Esses espaços também compõem a narrativa histórica e contribuem com a coleta de informações. De acordo com Norá (1993), os lugares de memória representam restos e uma forma de consciência. Os espaços são constituídos de rituais, comportamentos e expressões genuínas de um grupo social, desta forma são postos como uma possibilidade concreta de lembranças. Lugares têm em si marcados momentos vividos no passado e assim consolidam memórias e ajudam a mantê-las vivas. Esses espaços também contribuem na compreensão de qual futebol estamos nos referindo, se o de várzea ou o de bricolagem.

No futebol de bricolagem, segundo Damo (2018), observa-se a brincadeira em torno do esporte praticado principalmente pelas crianças nas comunidades - nesse caso sem a configuração de competições, mas exclusivamente de lazer. Nesse caso, “joga-se com o que se dispõem ou então inventa-se, quer sejam as regras ou os recursos materiais” (Damo, 2018; p.140). Caso observado na maior parte das histórias onde o que se tinha era a bexiga de um porco como bola e pequenos campos repletos de ervas daninhas.

Dessa forma, olhamos para cada aspecto sob a perspectiva dos termos ‘várzea’ e ‘bricolagem’. Para isso, Damo (2018) nos auxilia na compreensão dos espaços que constituem o futebol dentro e fora de campo. Esse conceito é fundamental para pensarmos que a perspectiva muda quando nos debruçamos sobre cada personagem. No decorrer do texto iremos abordar o olhar de quem acompanhava os jogos como torcedor, por influência familiar, também daquele que diz não gostar de futebol, mas que sempre estava nos jogos por ser um evento importante para a comunidade.

No aspecto comunitário em torno do futebol nos embasamos no sociólogo Richard Giulianotti (1999), que na obra *Sociologia do Futebol* contribui para o entendimento de que a escolha pelo futebol se dá, muitas vezes, pela facilidade em adaptar o esporte e os

equipamentos necessários para tal. Além disso, o futebol possibilita construir relações sociais, sejam de rivalidade ou de integração e companheirismo. Fato que poderemos observar na totalidade dos grupos pesquisados, os quais se reuniam em torno do objetivo de construir o time de futebol e por esse motivo realizavam movimentos para conquista do que fosse necessário. Movimentos pela conquista de espaço adequado para o campo, de eventos de arrecadação de fundos para compra de uniformes e bolas, elementos de união além dos onze em campo, mas também das famílias dos jogadores.

2.2 A comunidade e o papel do futebol na construção das identidades

Partimos, neste ponto, do conceito de identidade apresentado por Stuart Hall, no qual, o autor explica que não se trata de algo fixo ou permanente, mas se constitui em relações sociais e culturais: “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11).

O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. (HALL, 2006, p. 12)

Assim, pertencimentos vinculados ao futebol local — como ser jogador, dirigente ou torcedor de um clube — podem ser analisados como formas de identificação produzidas por representações e interpelações: “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado”, e por isso “a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2006, p. 21). Desse modo, a cultura futebolística - os símbolos, narrativas, rituais e memórias - não apenas expressa identidades já dadas, mas participa ativamente da produção e transformação ao longo do tempo.

Essa identidade também passa pela compreensão dos processos de imigração, migração, relações com a terra, família e trabalho. A pesquisa de Paulo Afonso Zarth (1997) nos auxilia em observar a relação da terra como um elemento familiar. O autor reflete sobre o objetivo dos colonos que se mudaram para a região com objetivo de conquista de um instrumento de garantia de futuro para a família. Ele também pontua a contradição enfrentada pelos imigrantes ao perceber que as terras abundantes não seriam suficientes para todos os membros do núcleo familiar.

Zarth apresenta o conceito do dilema do minifúndio no qual, ao perceberem as restrições territoriais, as famílias usavam os próprios membros como força de trabalho, com foco em conquistar a compra de mais terras. Observar esse ponto destacado por Zarth nos proporciona compreender a base estrutural dos objetivos das comunidades imigrantes - o trabalho era a base e o impacto disso no perceber o papel do lazer na vida dos grupos. Nesse sentido podemos observar o que diz Ellen Woortmann (1995), na obra *Herdeiros, Parentes e Compadres*, em que evidência a relação para além do sangue.

Woortmann detalha que o parentesco não se restringia ao biológico, mas um laço de trabalho e econômico, de significativa confiança. Nesse sistema, as famílias construíam laços comunitários de ajuda, troca e lazer. A relação entre as famílias se dava desde os ‘puxirões’ para realizar o plantio/colheita/abate de animais ou os ‘serões’ nos quais as pessoas se reuniam para conversar/cantar/comer/jogar. Seja no campo do trabalho ou do lazer, os conceitos de Woortmann de parentes ou compadres nos ajudam a compreender a construção de laços em comunidade do local estudado pela presente pesquisa.

Ao observarmos os laços entre as famílias e a construção de um senso de comunidade, buscamos nos textos de Benedict Anderson (2008) compreender “comunidade” como uma construção social imaginada, sustentada por narrativas, símbolos e práticas que produzem um sentimento de pertencimento entre pessoas que nem sempre mantêm relações face a face. No contexto do futebol local, partidas, campeonatos, rivalidades e suportes de memória contribuem para que a coletividade se imagine como um “nós”, delimitando fronteiras simbólicas e reorganizando identificações ao longo do século XX. Desse modo, o futebol não apenas expressa identidades preexistentes, mas participa ativamente da produção e atualização histórica.

Nesse sentido, trataremos sobre esses laços e a ideia de pertencimento, seja ao local ou ao grupo. Para pensarmos o pertencimento e a relação dele com o futebol, utilizamos como base os conceitos estudados por João Carlos Tedesco (2013), o qual dedicou muitas das pesquisas para a formação do Noroeste do Rio Grande do Sul. O território em questão, como explica Tedesco (2013), é carregado de elementos religiosos, ritualísticos e associativismo. No decorrer dos relatos descritos na presente pesquisa podemos observar essa relação entre as práticas comunitárias e rituais, com os jogos e torneios de futebol.

Outro elemento importante para a análise é o conceito de proximidade apresentado por Tedesco (2013), no qual ele trata sobre os encontros e trocas. Assim como Woortmann (1995) trata das relações familiares sanguíneas e não-sanguíneas, também nesse caso é possível observar que a construção de laços comunitários alça uma conexão fundamental que

se dá no campo do trabalho. Mas que também podemos observar no aspecto da organização esportiva, na formação de times e contribuição para com a prática. Na descrição das comunidades, ao longo desta pesquisa, será possível verificar a doação e esforço das famílias para que a prática do futebol se tornasse possível, seja com a doação de terras para o campo ou na organização de torneios e festas dedicadas ao esporte.

Outro aspecto fundamental que Tedesco (2013) nos ajuda a compreender é com relação à identificação com o território - pertencer a um local é defender aquela terra. Com o futebol, esse fator se destaca já que jogar ou torcer por um time constrói uma relação de identidade e pertencimento, seja com o time ou com o local. Nesse sentido, o morador de determinada comunidade torce ou joga para o time da sua comunidade e rivaliza com o de outro espaço. Conforme se estabelece a identificação com o que ocorre em campo, ou com o empenho dedicado no extracampo, os moradores passam a internalizar aquele sentimento de paixão e, mesmo que saiam daquele território, carregam consigo o sentimento de identificação com o time local. Nesse sentido, com auxílio dos conceitos propostos por Tedesco (2013), propomos observar o futebol como uma prática que ritualiza sociabilidades, organiza redes e produz narrativas do “nós” local.

Tedesco (2013) aponta que a identidade cultural pode ser compreendida como um processo social e histórico, produzido no cotidiano e nas relações que os grupos estabelecem com seu espaço de vida. Nessa chave, território não se reduz ao recorte físico-administrativo, mas envolve vínculos afetivos, sociabilidades e identificações coletivas em permanente reconstrução. Como formula o autor, “tanto as identidades, quanto os territórios são processos em curso que revelam a dinâmica do cotidiano de atores sociais e que se constituem ao longo do tempo tendo como principal elemento o sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência” (TEDESCO, 2013, p. 16). Em convergência, Tedesco aponta que “o território revela-se num espaço de sociabilidades (familiares, produção, saberes, comunidades etc.), de identificação com identidades coletivas, as quais se (re)constroem constantemente a partir das relações sociais que se estabelecem interna e externamente” (TEDESCO, 2013, p. 9).

O senso de comunidade pode ser pensado a partir de valores e práticas que reforçam laços de reconhecimento e cooperação em um dado espaço social. Em contextos rurais e interioranos, esses vínculos frequentemente se expressam em redes locais e em mecanismos de proximidade e reciprocidade que sustentam formas de organização coletiva. Nessa direção, ao discutir coletividades e redes territoriais, Tedesco destaca a relevância de valores, “como proximidade, reciprocidade, identidade étnica, etc.” (TEDESCO, 2013, p. 3). Além disso, o

autor observa que “as ações de proximidade já são implementadas historicamente entre os grupos” e que esse conjunto pode ser entendido como “um capital social dos grupos” que “se fortalecem em momentos de ritualidades festivas”, produzindo “mais sinergias entre atores e territórios, formando grupos de pertencimento” (TEDESCO, 2013, p. 7).

As identidades e os pertencimentos ganham visibilidade em práticas coletivas que organizam encontros e atualizam memórias compartilhadas. Em estudos sobre etnicidade e vida rural, Tedesco assinala que pertencimentos podem “se manifestar em festejos, produtos, gastronomia, cantorias, etc.” (TEDESCO, 2013, p. 1). Ainda nesse horizonte, as festas aparecem como momentos de “reafirmas de sociabilidades”, em que a cultura popular “se ritualiza” (TEDESCO, 2013, p. 7), resultando em “iniciativas coletivas” que produzem “sentimento de pertencimento” e “dão identidade aos territórios” (TEDESCO, 2013, p. 7).

A partir desse enquadramento, o futebol pode ser compreendido como uma prática cultural comunitária que também opera por ritualidades, como em: jogos, campeonatos, encontros regulares, torneios. Esses ritos mobilizam as coletividades, o senso de pertencimento e distinções locais singulares. Nesse sentido, o futebol pode aparecer como outra “instituição” de sociabilidade, como a igreja ou salão de festas. Além disso, o futebol pode organizar a ideia de proximidade - onde todos se conhecem -, reciprocidade - com a ajuda ao clube -, e a identidade - ser “do time”.

Outro autor que nos auxilia nessa compreensão é E. P. Thompson (1981), em que ele explica que a vivência constrói sentido e conexão. A partir da conceituação do autor, “experiência” e “cultura” constituem um ponto de junção para compreender como os sujeitos vivenciam situações concretas “lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores...” (FARIA FILHO; BERTUCCI, 2009, p. 13, citando THOMPSON, 1981, p. 189). Nesse sentido, o “ser do clube” não é apenas opinião: envolve afetos, lealdades, obrigações (família, vizinhança), reciprocidades - ajudar o time, organizar festa, financiar uniforme -, e isso tudo é cultura em ação.

Nessa perspectiva, com auxílio de Thompson, iremos observar o futebol como prática social e cultural atravessada por experiências, tensões e ações de sujeitos historicamente situados. Isso implica reconhecer que a ação humana ocorre em condições históricas que a “condicionam” — “e não determinam em última instância” (FARIA FILHO; BERTUCCI, 2009, p. 13). Assim, pertencimentos e identidades vinculadas a clubes, rivalidades e memórias do futebol local podem ser compreendidos como processos produzidos na experiência e nas disputas culturais, e não como essências estáveis.

Outra possibilidade para pensarmos a identidade local, dessa vez na perspectiva das memórias repassadas por meio de feitos decisivos em jogos ou decepções. Nesse sentido, Fraga (2021), ao tratar da cobertura da Copa de 1950, demonstra que a imprensa esportiva atribuiu ao futebol sentidos que extrapolavam o jogo, projetando no desempenho em campo disputas simbólicas mais amplas — como a tensão entre “atraso” e “modernidade” e a necessidade de produzir uma imagem positiva de coletividade (FRAGA, 2021). Essa leitura contribui para pensar, em escala local, como narrativas públicas e memórias comunitárias também podem transformar partidas, campeonatos e equipes em signos de pertencimento, reputação e identidade, selecionando heróis, culpados e episódios exemplares.

Esse período de 1950 é fundamental na construção de uma identidade em torno do futebol, pois, como detalha Fraga (2021), a imprensa nacional projetou sobre o futebol de 1950 uma disputa simbólica em torno da identidade brasileira. Em Constantina, sobre a influência principalmente do rádio, a Copa do Mundo também influenciou nos rumos do futebol amador e igualmente operou como linguagem social: nele se condensam valores, hierarquias, crenças e pertencimentos, narrativas que funcionam como forma de interpretar transformações históricas vividas pelas comunidades.

3 FORMAÇÃO DE CONSTANTINA

3.1 O povo originário das terras de Taquaruçu: a Expropriação de Terras Indígenas e a Criação da Reserva Serrinha

Um povo vivia em meio à mata de araucárias. Era como observar um mar verde, com troncos robustos e copas a perder de vista. O cenário foi registrado pelo explorador Maximilian Beschoren (1847-1887) que passou pelas margens do rio Uruguai e de seus afluentes. “Que imensa e variada vegetação opõe-se a nós! Que árvores gigantescas! De uma para a outra, se entrelaçam os cipós, em múltiplas formas, cobertas por raras e belas orquídeas” (1989, p. 104). A flora e fauna, espaços onde viviam os Kaingang, descritas com adjetivos de encanto, logo passariam por significativa alteração e dariam lugar para a colonização e expansão agrícola no Noroeste do Rio Grande do Sul.

Como aponta Carini (2005), a história da expropriação de terras indígenas no sul do Brasil é marcada por processos de colonização, políticas agrárias e conflitos fundiários que resultaram na perda de territórios tradicionais e na marginalização das populações originárias. Um exemplo emblemático desse processo ocorreu na área do Toldo Serrinha, localizada no atual estado do Rio Grande do Sul, e que foi alvo de sucessivas ações de ocupação, exploração e redefinição territorial desde o final do século XIX e ao longo do século XX.

Com a passagem de tropeiros que levavam do Rio Grande do Sul para Sorocaba (SP), intensificada na segunda metade do século XIX, não demorou para se formarem paradas e pequenos povoados. Caboclos chegaram e, nos entornos de fontes d’água e rios, instalavam-se, por vezes, firmando moradia nos locais. Com o passar dos anos, os primeiros colonos chegaram, muito pela criação da Lei estadual nº 28 de 05 de outubro de 1899, a primeira legislação agrária republicana sul-rio-grandense para controlar o acesso à terra (Carini, 2024).

O autor de “Das Posses dos Valérios a Engenho Velho” explica que a legislação de 1899 possibilitou a regularização de ocupações feitas por décadas no Rio Grande do Sul. No entanto, a Lei estadual nº 28 também incentivou a ocupação de terras públicas que seriam destinadas aos povos indígenas.

A partir dessa legislação, o estado pôde comercializar terras devolutas com maior liberdade, contribuindo assim para o aumento do povoamento, sobretudo com a chegada de colonos vindos das antigas regiões de colonização por imigrantes europeus. (Carini, 2024)

Foi em meio às invasões de terras que lideranças indígenas iniciaram a pressão sobre o Governo do Rio Grande do Sul. Conforme consta no Jornal Correio do Povo, edição de 26 de julho de 1908, transcrita por Carini (2024), o General Firmino de Paula foi até Porto Alegre apresentar ao governador Carlos Barbosa dois caciques do povo indígena Coroados, com aldeamento na Serrinha, em Nonoai.

O Cacique-mor Antonio Pedro de Nonoai expôs que sua tribo, vivendo nas proximidades de Serrinha, desde tempos imemoriais, na mais pacífica das posses sobre as terras que ocupam, está, há algum tempo, sendo constantemente perseguida por intrusos que pretendem desalojá-la. Considerando esta violação de seus direitos e dos de sua tribo, o referido cacique vinha pedir ao papai Grande para lhes mandar garantir a posse das terras e contínua tranquilidade. O Dr. Carlos Barbosa respondeu-lhe que tomando na devida consideração o justo pedido, maxime em estando na convicção de que aos ditos índios assiste direitos incontestáveis de posse sobre as terras de que eles foram os primitivos habitantes, posse essa que o Governo lhes deveria assegurar, respeitando-lhes a vida e o regime por que se governam, ia tomar as providências precisas para que se não fizesse nenhuma usurpação de suas terras. Neste mesmo sentido, o Dr. Carlos Barboza, dirigindo-se ao Dr. Cândido Godoi, secretário das Obras Públicas e então presente, determinou-lhe que mandasse o Dr. Augusto Pestana, com o pessoal que fosse necessário, aos aldeamento desses índios, proceder à medição e a demarcação da zona por eles até agora ocupada. (Museu do Jornal Correio do Povo, apud Carini, 2024)

De 1911 até 1918, a Diretoria de Terras e Colonização, dirigida por Carlos Torres Gonsalves, cumpriu a promessa do Governo do estado e iniciou o processo de demarcação das áreas de ocupação indígena no Rio Grande do Sul. Como detalha Carini (2005), nesse contexto nasceu o Toldo Serrinha, com área de 11.951ha, cujo território abrange atualmente os municípios de Engenho Velho, Constantina, Ronda Alta e Três Palmeiras.

Foi na década de 1930, após as demarcações, que a oferta de terras públicas na região começou a diminuir. Esses espaços públicos haviam servido por duas décadas como uma válvula de escape diante da pressão por terra resultante do aumento da população na região, como descreve Carini (2024). No entanto, essa oferta estava reduzida, as posses originais dos caboclos já haviam sido divididas e quase todas vendidas para imigrantes que vinham das “terras velhas”.

Essa situação se agravou na década de 1940, com a chegada de novos colonos, não apenas das “terras velhas”, mas também de outras regiões, principalmente Erechim e Getúlio

Vargas. Diante dessa crise fundiária, segundo detalhou Carini (2005), já na década de 1930, começaram as invasões de brancos nas terras da Serrinha. Inicialmente, eram incursões tímidas, com colonos que abriam pequenos roçados após a retirada da madeira pelos madeireiros.

Outro passo importante no processo de invasão das terras indígenas foi a criação da Reserva Florestal da Serrinha, em 1941, durante o governo do interventor Cordeiro de Farias. Foi um marco que acelerou o processo de ocupação da área por colonos e, conseqüentemente, a expulsão dos indígenas. Embora a reserva tenha sido regulamentada pelo governador Walter Jobim em 1949, por meio do Decreto nº 658, o objetivo de preservar a área foi rapidamente desvirtuado. Como aponta Carini (2025), "o decreto serviu de passaporte para os grileiros", o que legitimou a ocupação irregular das terras indígenas por posseiros e madeireiros (Carini, 2025, p. 39).

A estratégia de criar uma área de preservação ambiental no território indígena visava, na prática, reduzir o espaço destinado aos povos originários e facilitar a ocupação por invasores. Essa política, longe de considerar as especificidades culturais e os modos de vida dos indígenas, reforçou a lógica da expropriação. "Seria muito estranho privá-los de ter acesso à floresta, sendo eles os guardiões naturais dela" (Carini, 2025, p. 38).

A década de 1950 foi marcada por um aprofundamento das políticas de colonização na região. Em 1951, o deputado Romeu Scheibe apresentou o Projeto de Lei nº 131/51, que autorizava a venda de uma área de 6.624 hectares no município de Sarandi, abrangendo parte do Toldo Serrinha. O projeto explicitava que os lotes deveriam ser vendidos a preços baixos, com preferência para os posseiros que já ocupavam a área (Carini, 2025, p. 40). Essa proposta visava consolidar a ocupação irregular e garantir segurança jurídica aos colonos, para justificar a medida com argumentos econômicos: "não seria justo despejar colonos que produziram no ano passado 10.000 sacas de trigo, 24.000 sacas de milho e 3.000 sacas de feijão" (Carini, 2025, p. 40).

Além disso, a legislação agrária criada no período republicano, como a Lei Estadual nº 28 de 1899, foi utilizada para regularizar ocupações e incentivar a comercialização de terras devolutas. Esse processo ampliou os conflitos entre indígenas, caboclos posseiros e colonos de origem europeia, e deixou os povos originários em uma situação de constante intranquilidade e vulnerabilidade (Carini, 2025, p. 33).

No início da década de 1960, o governo estadual intensificou as ações de redefinição territorial na área do Toldo Serrinha. Em 1961, durante o governo de Leonel Brizola, foi promovido um recenseamento que identificou a presença de 334 famílias de intrusos, em um

total de 1.670 pessoas, na área restante de 4.725 hectares (Carini, 2025, p. 43). No ano seguinte, por sugestão do Diretor de Terras e Colonização, Petrônio Fagundes de Oliveira, o governo autorizou a redemarcação da área, e reduziu o território indígena para 1.060 hectares, sob o argumento de que essa extensão seria suficiente para atender às necessidades das 53 famílias indígenas restantes (Carini, 2025, p. 43).

Essa política de redução territorial foi justificada com base na ideia de que havia "muita terra para pouco índio", um slogan repetido por grileiros e autoridades da época (Carini, 2025, p. 43). Tal visão reforçava a marginalização dos indígenas e legitimava a invasão e exploração das terras por colonos e madeireiros.

A história do Toldo Serrinha evidencia a complexidade dos processos de expropriação de terras indígenas no sul do Brasil, marcados por políticas públicas que favoreceram a ocupação por colonos e a exploração econômica em detrimento dos direitos dos povos originários. A criação da Reserva Florestal da Serrinha, inicialmente justificada como uma medida de preservação ambiental, acabou por consolidar a exclusão dos indígenas e a destruição de territórios tradicionais. Como destaca Carini (2025), "as políticas agrárias do período republicano contribuíram para o desaparecimento total das terras indígenas, deixando os povos originários em um estado de constante intranquilidade e preocupação" (Carini, 2025, p. 33).

Essa trajetória de expropriação e resistência é fundamental para compreender os desafios históricos enfrentados pelos povos indígenas no Brasil e para refletir sobre as políticas públicas voltadas à reparação e preservação de direitos territoriais.

3.2 A formação dos municípios de Constantina e o nascer da paixão pelo futebol

Constantina se forma e nasce em terras indígenas, no entanto, muitos foram os movimentos políticos que levaram o espaço a passar por diversas divisões e organizações territoriais. Neste processo é importante pontuar que, no ano de 1809, se deu a primeira estrutura administrativa do Rio Grande do Sul, detalhe pertinente para ser destacado nesta pesquisa. No período, os territórios de estudo ficavam no maior município demarcado, Rio Pardo - o qual abrangia dois terços do Rio Grande do Sul, parte da região Central, o Norte e o Oeste. No entanto, os movimentos institucionais de colonização se dão apenas no fim do século XIX, com a fundação da Colônia Xingu em 1897 - hoje território do município de Novo Xingu, maciçamente de origem alemã.

Conforme Carini (2024), antes disso, é preciso observar a segunda metade do século XIX, onde se deu a abertura do caminho das tropas de mulas que ligam a região das Missões,

no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, em São Paulo (Santos, 2011). Esse trajeto cruzava o Rio Uruguai pelo passo do Goio-Ên, entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esse movimento fez com que se constituíssem alguns pontos de parada dos tropeiros e, assim, a presença cabocla passou a ser vista na região. Santos (2011) destaca que o município de Constantina tem a constituição de povoado neste período. Um importante exemplo é a família de José Gomes de Moraes (os “Souza”). Vindos de São Paulo e descendentes de tropeiros, eles se fixaram no território de Engenho Velho no começo do século XX (Carini, 2024; p. 64).

Carini (2024), por meio de relatos orais coletados em entrevistas, escreveu que a família passou a dedicar-se à lavoura de fumo, milho, feijão e às criações de bois, porcos, cavalos e mulas. A produção da família, durante vários anos, em especial o fumo, era levada para a região da antiga Colônia Guaporé.

Por meio desses contatos teria, segundo entrevistados, aberto caminho para a vinda dos primeiros italianos ao então Distrito de Taquarussu. Alberto Anziliero nos informa que seu pai Francisco Anziliero em 1920 decidiu migrar de Guaporé para Taquarussu (atual Constantina), convencido pelos senhores José Gomes de Moraes e Pedro Vieira, então moradores de Lageado Grande (Engenho Velho), que lhes contaram maravilhas sobre as terras disponíveis nesta região. (Carini, 2024; p. 65)

Alguns anos depois, por volta de 1920, começou a se intensificar a chegada de colonos de descendência europeia, em especial italiana - dessa vez para as terras que identificamos como Constantina. Essas famílias saíam da região de Guaporé e outras cidades da Serra, eram colonos vindos das chamadas “terras velhas” para explorar as terras ‘desocupadas’ do Noroeste Riograndense, como explica Carini (2024).

Esse movimento foi incentivado pelo plano econômico, que visava a ocupação das terras de matas com a proposta de produzir alimentos para o mercado (além da subsistência), com maior produtividade e diversidade de produtos, conforme detalha Carini (2024). Com o incentivo do governo do estado e governo federal, a ocupação do Noroeste do Rio Grande do Sul representava uma oportunidade econômica, já que “[...] derrubar o mato permitia explorar a madeira e obter solos férteis para o cultivo durante várias safras (graças à matéria orgânica acumulada e às cinzas das queimadas)” (Carini, 2024; p. 19).

Carini explica que esses espaços, conforme o projeto governamental, deveriam ser ocupados por colonos de origem europeia, pois, segundo entendimento dos governantes, esses seriam mais hábeis com o contexto agrícola e inseridos no processo de capitalismo do que os indígenas e caboclos. Beschoren (1989), carregado de preconceitos, apresenta nos

relatos, que essas seriam pessoas que não contavam com qualquer ambição em adquirir patrimônio e sem acomodações confortáveis ou que os protegessem de intempéries. No entanto, ainda segundo Beschoren (1989), com a colonização da região do Alto Uruguai e demais regiões do Goio-Ên, essa realidade se modificaria - o que corrobora com a concepção torta sobre os povos originários.

Com a chegada de colonos na década de 1920, a exploração madeireira foi emblemática no território de Constantina, em especial, com a extração da Araucária. A atividade madeireira aliada à agricultura familiar determinou o ritmo da ocupação e a transformação do espaço natural, conforme descreve Carini (2024). Mas esse trabalho de incentivo aos colonos para rumarem ao Noroeste do Rio Grande do Sul, iniciou ainda em 1859 quando, segundo Zarth (1997), o governo intensificou a estratégia de ocupação colonial da região de fronteira, com foco em fortalecer o domínio territorial brasileiro. Além disso, o objetivo era ampliar a disponibilidade interna de alimentos, aumentar o número de consumidores de produtos industrializados e solucionar a problemática do excedente populacional existente nas “colônias velhas”. Mas foi só na virada do XIX para o XX, segundo Zarth, que se intensificou a criação de colônias novas.

Aldomar Arnaldo Ruckerc (1981) explica que essa região contou com fluxos migratórios internos a partir do fim do século XIX. O povoamento do território de Constantina teve duas fases principais, na produção agrícola e no comércio/serviços urbanos. Segundo explica Ruckerc, na obra “As pequenas cidades do Norte do Rio Grande do Sul”, a primeira fase, do fim do século XIX até meados dos anos de 1960, teve características de agricultura colonial, não apenas de subsistência, mas também de exportação de excedentes para outras áreas do Estado. A segunda fase, por sua vez, está ligada à “progressiva e maciça penetração do capital financeiro via créditos oficiais nas colônias, em função do modelo agrícola dominante no país” (Ruckerc, 1981).

Essa parte do Rio Grande do Sul contava, até 1954, com municípios extensos em área territorial, com muitos distritos. A partir disso iniciou um processo de criação de inúmeros municípios. Segundo Ruckerc, houve “[...] em 1954, quatorze (14) emancipações; 1955, seis (6); em 1959, dezoito (18); em 1960, uma (1); em 1961, três (3); 1962, uma (1); 1963, quinze (15); 1964, dez (10); e 1965, vinte e cinco (25) emancipações” (Ruckerc, 1981; p. 26). Essas pequenas vilas eram compostas majoritariamente de agricultores e alguns comerciantes de bens de consumo.

Na então Taquaruçu, agora Constantina, não era diferente e, com a ânsia de crescimento e demanda por desenvolvimento, acesso aos serviços de saúde, infraestrutura e

poder de barganha política, ter uma sede própria e reivindicar aporte financeiro do Estado fez o pedido de emancipação ser uma possibilidade. Mas antes vieram diversos movimentos como as mudanças de nome, conforme detalhado por Santos (2022).

Até chegar ao nome definitivo, o então Distrito de Taquaruçu se chamava João Pessoa, mesmo nome da capital da Paraíba. Não durou muito tempo e logo aquele espaço passou a se chamar José Bonifácio, nomenclatura que igualmente coincidia com outro local, esse no interior de Minas Gerais. Após tantas tentativas, eis que surge o nome Benjamin Constant, mas esse também não se encaixou, e ainda rendeu sérios problemas para os moradores, já que as correspondências eram enviadas ao distrito de Benjamin Constant, no município de Erechim/RS. Como conta na obra organizada por Santos (2011), em função de tantos desentendimentos foi formada uma comissão para solucionar o problema. Com diversos debates, o grupo chegou à conclusão de que, por já existirem cidades com esses nomes, o povoado se chamaria CONSTANTINA (Santos, 2011), derivado de Benjamin Constant.

Com a emancipação do município de Sarandi em 27 de junho de 1939, o qual se separava de Passo Fundo, cidade que integrou desde 1857, aquele passou a ser responsável pelas terras correspondentes à atual Constantina. Nesse processo, o Taquaruçu deixou de ser distrito de Palmeira das Missões para se tornar 3º distrito do novo município. Esse ponto é fundamental, pois Edi Siliprandi, familiar de Antônio Pascoal Siliprandi, que foi um dos responsáveis pela articulação do processo emancipatório de Sarandi, tomou para si a responsabilidade de reunir o que fosse necessário para elevar Constantina à posição de município (Santos, 2011).

O tempo passou e Taquaruçu deu espaço a um novo nome, Constantina, município que teve sua emancipação em 14 de abril de 1959 através da Lei Estadual nº 3.736. O município está localizado no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul e tem, atualmente, 203 km², divididos entre urbano e rural. Constantina conta com 10.385 habitantes, segundo levantamento do IBGE (2022), e fica a 362 km da capital gaúcha, Porto Alegre.

O município tem na produção agrícola e pecuária boa parte da sua economia. Entre os principais produtos estão: a produção agrícola de laranja, uva, trigo, soja e milho; e na pecuária as aves, suínos e bovinos¹. Além disso, outros postos de trabalho estão distribuídos no comércio de bens de consumo, empresas de implementos e mecânica agrícola, em cargos públicos e, implementada nos últimos anos da década de 1990, a fábrica de urnas funerárias

¹ Os dados estão disponíveis no site Cidades do IBGE, divulgados no Censo de 2022.

Rigon. Conforme os dados divulgados pelo Censo 2022, o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* de Constantina era de R\$ 43.658,25.



Figura 01 - Mapa do Rio Grande do Sul com destaque para o município de Constantina em vermelho. Esse é o território pós emancipações, com a configuração atual - com o distrito de Engenho Velho a Leste, Novo Xingu Noroeste e Liberato Salzano ao Norte. (Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu).

Essa terra agrícola também fez brotar e dar frutos a semente do futebol, um esporte que, de tão importante, se fez presente na obra “Constantina: 50 anos de História e Histórias” (Santos, 2011, p. 120 - 132). Nesta obra, Constantina é contada e, em meio aos acontecimentos políticos e econômicos, as mais diferentes modalidades esportivas são apresentadas. Em Constantina os principais clubes são o Clube Comercial de Constantina, equipe que nasceu um ano após a emancipação e tem a sede no perímetro urbano do município e o Clube Gardinha, equipe da área rural do município, localizada na linha Gardinha. Muitas outras equipes surgiram com o tempo, fizeram história e conquistaram

títulos e torcida, mas nenhuma marcou o futebol constantinense como o Comercial e a Guardinha, responsáveis por uma ferrenha e longa rivalidade do Campeonato Municipal de Futebol.

A criação de novos municípios por meio das emancipações foi mais frequente nos períodos democráticos, nas décadas de 1950 e 1960 e após 1988. A Constituição Federal de 1988, ao conceder maior autonomia às unidades federativas sobre a temática das emancipações, contribuiu para que ocorresse no país um movimento emancipacionista significativo. Assim, no decorrer da década de 1990, foram criados 1.070 municípios no Brasil, entre eles o Engenho Velho e o Novo Xingu.

No início, Constantina contava com extensão territorial maior, pois tinha como distritos Liberato Salzano, Engenho Velho e Novo Xingu. Os anos passaram e esses distritos se tornaram novos municípios. O primeiro foi Liberato Salzano, que ainda em 1964 conquistou a emancipação e conta atualmente com 4.781 moradores (IBGE, 2022). Em seguida, Engenho Velho, município com 1.296 habitantes (IBGE, 2022), teve a emancipação em 20 de março de 1992. Para o Engenho Velho o futebol foi o espaço em que se reunia a comunidade para debates de interesse coletivo, como é o caso da emancipação. Também foi na sede do 1º de Maio que houve a cerimônia de posse da primeira administração do novo município do Rio Grande do Sul (Carini, 2024).

Um pouco mais tarde, em 1996, outro distrito deixou Constantina. O Xingu foi um dos últimos territórios do Estado que tiveram a emancipação — dentre os 497 municípios, o Novo Xingu foi o 489º espaço emancipado. Com 1.646 habitantes e cerca de 80 km², a área onde está Novo Xingu foi colonizada no século XIX por alemães e tem em seu povo as tradições dos povos germânicos. Sobre esse local se tem poucos registros esportivos, o que se sabe é que tinha como representação o Esporte Clube Grêmio Xingu, mas que perdeu força com o passar do tempo e será pouco explorado nesta pesquisa.

O Novo Xingu está entre os 30 municípios do Rio Grande do Sul que, em novembro de 2021, tiveram a emancipação considerada inconstitucional pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Na época, a decisão da corte apontava que as cidades deveriam voltar a ser distritos, já que não cumpriam todo o regramento para o enquadramento como cidade independente. O Xingu, bem como outros 29 territórios, foi emancipado com base na legislação estadual que permitia a criação, incorporação, fusão e desmembramento de municípios sem a edição prévia das leis federais previstas no art. 18, § 4º, da CF/1988, com redação dada pela Emenda

Constitucional nº 15/1996, o que foi contestado pelo STF na ocasião. Mesmo com a decisão, o Xingu segue como município independente.

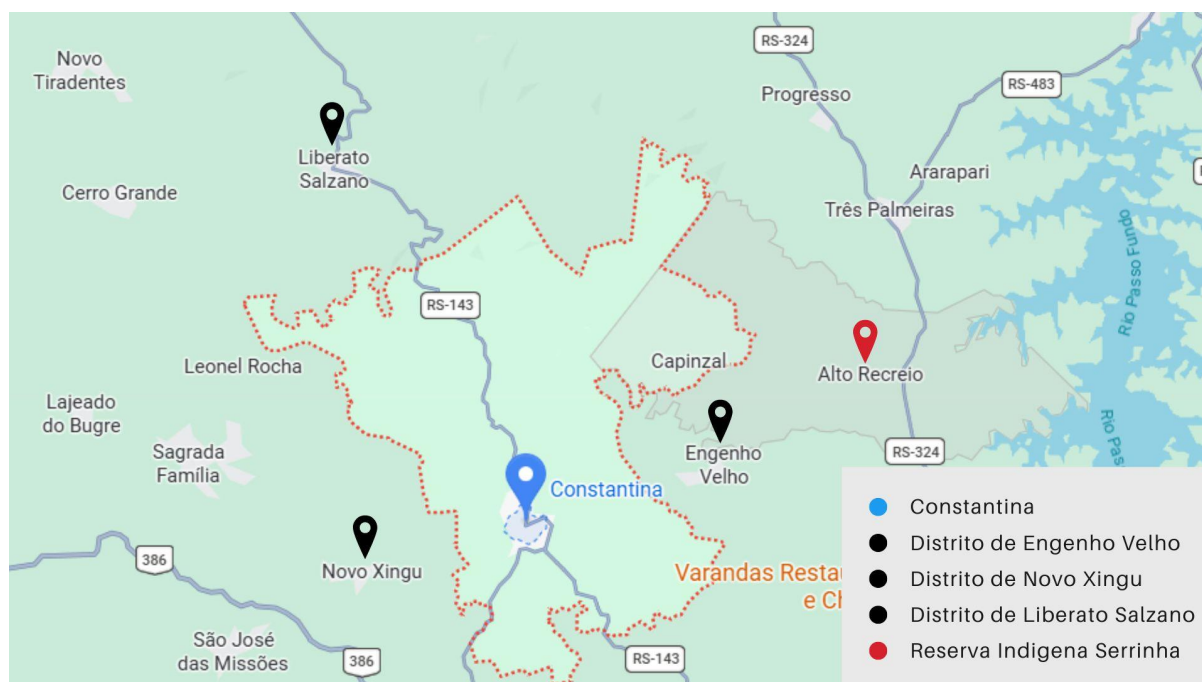


Figura 02 - Mapa da região pesquisada que inclui o território do atual município de Constantina e, os atualmente emancipados, distritos de Engenho Velho, Novo Xingu e Liberato Salzano (Fonte: Google Maps e edição da autora).

3.3 O futebol como instrumento de formação cultural em Constantina/RS

Em Constantina, o futebol não demorou a marcar presença. O primeiro registro que há do esporte remete ao início do povoamento de Taquaruçu, por volta de 1919, quando um grupo de jovens derrubou uma área de mata e ali demarcou o primeiro campo daquela terra. Naquele espaço hoje fica a praça Getúlio Vargas, que ocupa uma quadra entre a avenida Amandio Araujo e as ruas João Mafessoni, Cantidio Rodrigues de Almeida e Franklin Siliprandi (Santos, 2022). Porém, por um tempo, não foi ele a modalidade principal do local.

O espaço da atual praça era um ponto de encontro, mas para a ‘corrida de burricos’, uma competição que reunia os moradores e os animais para uma disputa, atividade incentivada pelo primeiro médico do povoado, Dr, Hipólito, conforme consta na obra de Santos (2011). A carreira contava com dois participantes, um membro da família Vanin e um da família Anzilheiro. Cada um com seu burro fazia o percurso em torno da praça, acompanhados do público e de crianças que seguiam atrás dos competidores (Santos, 2011).

Mas com o tempo, a ‘Corrida de Burricos’ perdeu força e o futebol entrou em cena como protagonista. Em um primeiro momento surgiram o Gaúcho e o Santos, O Gaúcho é o pioneiro, nasce em meio a uma nova comunidade. Anos após seria transformado em Clube Comercial e adquiriria o papel de representar o espaço urbano, bem como o setor comercial de Constantina. Divergências no grupo fizeram com que surgisse outra força, o Santos, em homenagem à equipe que tinha como destaque o atleta Edson Arantes do Nascimento - o Pelé, Rei do Futebol.

Logo após a emancipação, em 1959, o fervor do esporte ficou ainda mais intenso, com divisões entre as comunidades agrícolas, as massas urbanas dos pequenos comércios e a indústria que se formava — cada grupo contava com um clube que pudesse representar as características do espaço e dos povos que firmaram morada naquela terra.

O futebol surge e ganha força ao passo que representa uma forma de identificação coletiva e resistência dos povoamentos rurais, os quais estavam desassistidos pelo Estado. O esporte era sim uma forma de lazer, como podemos observar nas perspectivas analisadas por Thompson (2010), mas não se restringia a isso. A prática esportiva formava condições para a criação de um espaço de encontro e socialização, era a forma de mobilizar e organizar as famílias para arrecadar recursos com foco no fortalecimento da comunidade.

Os jogos de futebol, ligados às festas de santos católicos, reuniam as comunidades locais e de seus entornos. Eram feitas missas, torneios esportivos e festas com comida e bebida. O dinheiro arrecadado era utilizado para a construção da Igreja, do salão da comunidade e do campo de futebol - quanto maior a estrutura, mais recursos poderiam advir dos eventos futuros feitos naquele espaço. A comunidade da Guardinha, em Constantina, foi um exemplo disso. A comunidade se articulava para organizar eventos e assim poder angariar fundos para adquirir os bens que desejava enquanto grupo.

Nesse ponto é fundamental observar a capacidade de mobilização de recursos, com olhar para a teoria proposta por John D. McCarthy e Mayer N. Zald (1977), na qual a comunidade toda se engajou em torno de trabalhar de maneira voluntária para que fosse possível realizar o evento. “Cada um fazia uma coisa, a gente se ajudava para fazer a festa, assim poderíamos ter dinheiro para investir no campo, em novas bolas e até para trazer atletas de fora”, contou Celso, um dos dirigentes da comunidade da Guardinha, em entrevista para o livro ‘Dentro e fora das quatro linhas’.

Mc Carty e Zald explicam que a mobilização se dá, pois o movimento precisa ser coletivo, sobressaindo os interesses do grupo. Dentro desse aspecto o interesse comum se destacava, muito pela compreensão coletiva e paixão em torno da construção do esporte, já

que com recursos seria possível rivalizar em altura com outras equipes do município. O encanto em torcer e conquistar uma taça, a recompensa moral da vitória, por mais que na prática, não rendesse retorno financeiro aos indivíduos, era um elemento de tamanha força que engajava a comunidade, ano após ano, em torno dos eventos esportivos.

A reunião em torno dos clubes também se dava por proximidade territorial, mas principalmente por identificação de interesses do grupo social em que cada um estava inserido. Os trabalhadores do campo tinham os clubes desenhados nas comunidades em que residiam, os trabalhadores do comércio participavam de outra organização, grupos político-partidários também rivalizavam em campo. Alguns clubes, bem como a força dos grupos, foram passageiros em Constantina. Em contrapartida, há aqueles que estão até hoje em ação. Um exemplo é o Clube Comercial de Constantina, criado oficialmente um ano após a emancipação do município, o qual participou de todas as edições do Campeonato Municipal de Futebol e mantém as atividades ininterruptas até então.

4 AS COMUNIDADES, FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO

4.1 As comunidades de Constantina e prática da História Oral na coleta de entrevistas

Neste ponto iremos observar o comportamento comunitário da população de Constantina, moldado pela lógica da fronteira, pela mistura étnica entre alemães, italianos, caboclos, negros e indígenas e pela forte influência religiosa e associativa. Por meio das informações coletadas nas entrevistas será possível identificar a formação dos grupos em torno do elemento religioso, em primeiro lugar. Na sequência, se percebe a organização esportiva/de jogos de carta e bocha, com a construção de um espaço de para tal e venda de bebidas. Com o tempo, na maioria das comunidades também se estabelecia a estrutura de uma escola. Muitas vezes, a estrutura de igreja, bodega e escola era compartilhada.

As diferenças mais significativas se baseavam em torno do credo religioso. Nas comunidades italianas, com credo católico, tudo se dava em torno da igreja, desde a fé até o esporte e educação. Já nas comunidades compostas por imigrantes alemães, luteranas, a igreja trazia consigo a religiosidade, com um destaque importante ao espaço de educação com escola e bibliotecas estruturadas - independente da estrutura da comunidade, contava com diversidade bibliográfica e ensino para as crianças e adolescentes. Nos casos das comunidades germânicas, o esporte e as bodegas se davam em espaços separados, muitas vezes organizados por uma família que tocava estas como um negócio privado.

Na pesquisa identificamos uma comunidade negra, no bairro São Roque, no qual os descendentes de ex-escravizados não contavam com essa infraestrutura. No local os elementos de construção comunitária chegaram mais tarde, com dificuldade. Esse grupo se tratava de um povo marginalizado, com precarização maior que os demais grupos, pois não tinham terras para trabalhar. O relato mostra que os negros precisavam se sujeitar ao trabalho precarizado - na maioria das vezes realizado em troca de comida.

Com relação aos indígenas e caboclos, ambos os grupos - no recorte temporal da pesquisa - já estavam espalhados pelo território de Constantina e precisavam se integrar aos grupos de imigrantes. A maioria dos indígenas e caboclos tiveram maior contato com os imigrantes italianos, com quem dividiram espaços e passaram a absorver daquela cultura e religiosidade. No caso dos indígenas, a questão representa maior conflito, já que a tribo perdeu o território para a chegada dos imigrantes e muitos foram para outros espaços. Esse movimento representou muitos conflitos na região, os quais se deram em diferentes períodos ao longo do século XX e início do século XXI, pois o território original de Constantina contava com a reserva da Serrinha e a reserva florestal da mesma, segundo detalhado por Carini (2005).

Nesta pesquisa iremos conhecer as comunidades de Constantina, que passaram por diversas divisões e estruturas, mas no presente texto iremos nos deter nas comunidades que perduraram ao longo dos anos de 1959 até o fim dos anos de 1970 quando inicia o processo de exodo rural e chegada dos impactos da revolução verde na região. No total, o município é composto por 24 comunidades rurais, três distritos e três bairros urbanos - na organização do ano de 1959. Mesmo que alguns pontos antecedem a emancipação do município, o recorte se dá para delimitar os eventos chave da pesquisa.

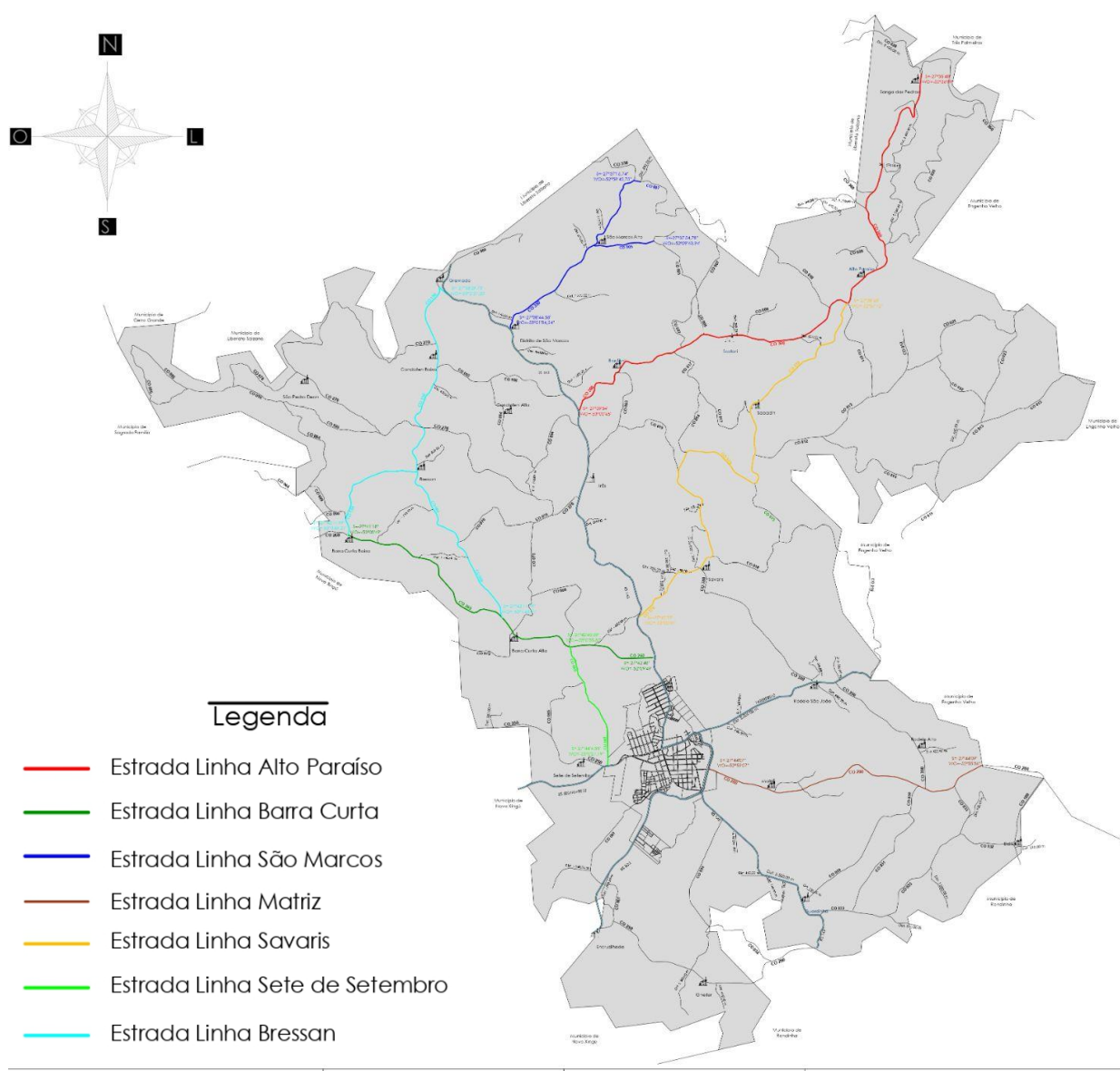


Figura 03 - Mapa do atual município de Constantina com destaque para a localização de algumas comunidades. (Fonte: Mapa disponibilizado pela Prefeitura de Constantina).

Para a dissertação foram entrevistadas 30 pessoas (destes, foram 20 homens e 10 mulheres), com entrevistas gravadas em áudio e após transcritas. Cada diálogo durou em

torno de 1h, além do tempo de interação e aproximação com cada um. As conversas ocorreram na casa de cada personagem, dois dos personagens prestaram entrevista no ambiente de trabalho.

Cada uma das pessoas foi escolhida após conversas com membros da comunidade constantinense que indicaram moradores antigos e pessoas ligadas ao futebol - seja por terem sido atletas e por gostarem do esporte local. Antes de cada entrevista foi contactado a fonte para explicar do que se tratava a pesquisa e como seria feita a coleta de dados, feito isso e aceito por parte do personagem, marcamos uma data e um horário para o encontro e conversa.

As entrevistas foram conduzidas com base em uma estrutura de perguntas para conhecer o personagem, a comunidade em questão, a imigração e religiosidade local, as formas de trabalho e lazer local, por fim, a conversa seguia para entender a prática do futebol em cada local e a relação da fonte com o mesmo. No entanto, mesmo com a estrutura de questões, buscou-se deixar o diálogo fluir de maneira natural, em meio a roda de chimarrão. Cada encontro contou com interação para além da pesquisa, com objetivo de criar vínculos e proporcionar conforto e confiabilidade para os entrevistados.

4.2 O espaço rural de Constantina, as drásticas mudanças e o futebol que sobrevive na memória

4.2.1 Vila Capinzal

Começamos pela Vila Capinzal, a qual recebeu o título de Vila devido à estrutura superior às demais comunidades, a qual contava com diversos comércios e fluxo de pessoas que passavam pelo local para se deslocar pela região. O nome Capinzal se deu devido ao local ser coberto por capim e espinhos, o que dificultou a vida dos imigrantes vindos em busca de ganhar a vida no local. Quando chegaram os primeiros imigrantes com objetivo de se instalarem, vindos de Marau/RS, por volta dos anos de 1950, havia indígenas que viviam no local.

Para falar do Capinzal, duas pessoas foram entrevistadas, um homem de 65 anos e uma mulher de 63 anos descendentes de imigrantes italianos. Eles viveram a maior parte da vida no local e mudaram-se do local com a desapropriação das terras com a demarcação das terras como território indígena no ano de 1997.

O homem contou que quando os pais chegaram na localidade, o Capinzal já contava com igreja católica construída em torno de Nossa Senhora de Fátima, comércios de secos e molhados, bodegas, uma escola que atendia até a 5ª série, além disso, havia várias atividades

recreativas, incluindo bailes e corridas de cavalo. A Vila contava com estrutura de saúde e hotelaria para os viajantes. No local, além dos imigrantes italianos, também havia muitos caboclos que se instalaram no local. Os principais momentos de socialização comunitária giravam em torno dos ritos religiosos e das festas.

Devido à estrutura do local, os entrevistados não atuavam com agricultura. A mulher trabalhava em um posto de saúde, já o homem trabalhava com caminhões e transporte de viajantes que migraram para Santa Catarina. As fontes destacaram que a estrutura do local era tamanha que havia a vontade da comunidade em se tornar um município independente.

Com relação ao futebol, ele não era a única fonte de lazer, já que o local contava com jogos de cartas e bocha, além de uma hípica com corridas de cavalo. No entanto, a Vila Capinzal contava com um time estruturado, o Esporte Clube Comercial. O time participava de campeonatos municipais, torneios com comunidades próximas, e contava com abundante quantidade de atletas.

Tinha igreja, tinha várias bodegas, campo de futebol, tinha dois campos. Ah, era o tempo de jovem, era bom de morar lá. Todo domingo tinha uma diversão, era um baile, até careira de cavalo tinha lá. O meu pai, ele gostava de careira, e daí eles fizeram uma hípica lá. Ele tem várias fotos, assim lá na mãe, tem várias fotos de quando corriam careiras. (HOMEM DE 65 ANOS. Constantina, nov. 2025. Transcrição digitada, 13 p.)

No entanto, a desapropriação de terras para os indígenas, fez com que todos saíssem e fossem para outros lugares. O casal destacou o impacto da demarcação da terra e o impacto na comunidade. Conforme o relato, muitos se mudaram devido aos conflitos com indígenas que, segundo eles, tornou a permanência impossível. As falas sobre o Capinzal foram dominadas pelo sentimento de tristeza pela perda do local onde cresceram e a distância que se estabeleceu com os membros da comunidade - famílias foram para espaços diferentes e amigos se afastaram.

A mulher entrevistada contou como foi a saída do Capinzal com a devolução das terras para os indígenas. “Ah, mas foi muito triste. Meu Deus, eu jamais imaginava sair de lá, sabe? Tanto é que a gente foi ficando, foi ficando. Mas não tinha como conviver”, (MULHER; Constantina, nov. 2025. Transcrição digitada, 13 p.) A organização dos indígenas, posterior a demarcação, referente ao futebol e a vida em comunidade não foi contemplado na pesquisa, já que se deu após o início dos anos 2000.

4.2.2 Linha Sanga das Pedras

A comunidade Linha Sanga das Pedras foi ocupada por imigrantes italianos e caboclos, vindos da Serra Gaúcha e de Erechim. Não há informação precisa com relação ao período de chegada dos moradores. O que se sabe é que o local já havia sido mapeado por agrimensores que mediam as terras. Quando os moradores chegaram o local já havia sido denominado e acredita-se que se deu devido às pedras que havia em um rio que passava pelo local.

A escola chegou na comunidade no governo de Leonel Brizola (1959-1963), quando foi construída uma ‘brizoleta’², conforme descrito na obra organizada por Santos (2011). Ainda no livro, há o registro de que a primeira igreja foi construída em 1966 com Nossa Senhora Aparecida como padroeira. A fé católica era um elemento que se destacava, já que no local há a gruta Sagrado Coração de Maria - considerado um ponto de turismo religioso do município.

Na Sanga das Pedras, a base era a produção agrícola, já os comércios eram feitos na região, em especial da Linha Bonfanti - onde havia um significativo comércio de secos e molhados, além de moinho. Com base na agricultura, o local não contava com infraestrutura de outras instalações. Devido ao formato comunitário, o lazer girava em torno do encontro entre as famílias, jogo de cartas, bocha e o futebol.

Não foi possível entrevistar nenhum morador da Linha Sanga das Pedras que pudesse auxiliar com relatos do futebol e formas de lazer do local, dessa forma, nesse ponto, o relato fica restrito aos registros presentes no livro Constantina: 50 anos de Histórias e Histórias (Santos, 2011).

4.2.3 Linha Alto Paraíso

A comunidade Alto Paraíso foi formada por imigrantes italianos vindos da região de Guaporé/RS, conforme relato coletado para a presente pesquisa, mas sem data de chegada. O entrevistado, um Homem de 79 anos, destacou, desde o início do diálogo, as festas e os torneios de futebol, ambos importantes para a vida social do local. A esposa do entrevistado também participou da conversa, uma mulher de 77 anos.

² “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul” deu origem à construção, em todos os municípios do estado, de prédios escolares com características muito próprias que ficaram conhecidos como brizoletas ou escolinhas do Brizola. Nos quatro anos de governo, construíram-se 1.045 prédios escolares, com 3.360 salas de aula e capacidade para 235.200 alunos; foram iniciados 113 prédios, com 483 salas e capacidade para 33.810 alunos; e planejados 258 prédios, com 866 salas de aula e capacidade para 60.620 alunos. (DE QUADROS; 2021, p. 4)

Além disso, como outras comunidades de origem italiana, a construção da igreja foi uma das primeiras ações dos imigrantes, após se estabelecerem nas terras - a padroeira escolhida foi Nossa Senhora de Lourdes. O Alto Paraíso também contava com uma escola, a qual era junto a estrutura da igreja. O local, contava também com espaço para o futebol, com um campo organizado pela comunidade.

No relato, o entrevistado contou sobre as tradições relacionadas aos torneios de futebol, o principal evento de lazer, onde os vencedores dos jogos contavam com prêmios como porcos e ovelhas. Segundo o personagem, também havia jogos de cartas na vida da comunidade. O Esporte Clube União era uma joia da comunidade, muito querido pelos atletas e famílias que se envolviam nas atividades do time.

Mesmo sem ser um grande fã de futebol, o Homem entrevistado contou que fazia parte da organização esportiva. “Porque a gente também não tinha muita coisa pra fazer, né? Era trabalhar, e aí tinha o futebol, alguma festa, alguma coisa, era isso, né?” (HOMEM, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada, 7 p.”

Assim como outros espaços rurais de Constantina, a Linha Alto Paraíso também sofreu significativamente com o êxodo rural, além da desapropriação de algumas terras para a comunidade indígena por volta dos anos 2000.

“Primeiramente, tinha jogo pra mais de um time de cada comunidade. Tinha bastante juventude e tal, né? Mas daí vai um pra cá, outro pra lá, foi ficando pouco, né? Mas agora tem um campinho, como é que se diz? Futebol sete, né? Futebol sete” (HOMEM, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada, 7 p.”

4.2.4 Linha Scolari

A Linha Scolari é uma das mais antigas de Constantina e com tradição no futebol. O território recebeu seus primeiros moradores por volta de 1908, eram imigrantes italianos. Desde o início havia a celebração da fé por meio da reza do terço, já que não havia um local definido com igreja. Tão grande era a conexão com o catolicismo, que devido a muitos moradores terem como nome João Batista, o padroeiro escolhido foi São João Batista. Na comunidade, uma das primeiras estruturas foi a escola, local usado até para rezar a missa.

Para compreender a comunidade, três pessoas foram entrevistadas - um Homem de 81 anos, uma mulher de 73 anos e um segundo Homem de 54 anos. Em um primeiro momento, um casal foi ouvido, e no segundo instante outro homem - esse último mais jovem e conectado ao aspecto do esporte. O casal foi fundamental para compreender a estrutura da comunidade e formação do espaço. Eles contaram que as festas eram importantes para o lazer

local para além do esporte. Dada a longevidade do povoado, a Scolari contava com pequenos comércios, loja de secos e molhados, além de um moinho.

O Homem de 81 anos e esposa contaram sobre as brincadeiras de infância, as bonecas que faziam com a espiga do milho ainda verde e a bola de futebol feita com bexiga de porco. “Quando matavam o porco, enchia a bexiga, daí ficava tempo aquela bexiga jogando. Porque ela secava, né? Ela secava. Enchia e deixava secar.” (HOMEM de 81 anos, Constantina, set. 2025. Transcrição digitada 10p.) O Homem de 54 anos também comentou sobre o esporte na infância e adolescência, segundo ele “não tinha outra atividade, a não ser jogar futebol no final de semana. E todos os dias, né? Depois que fizesse o serviço, tu tinha a oportunidade de jogar futebol. Depois que terminasse todo o serviço, né?” (HOMEM de 54 anos, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 8p.)

As duas primeiras fontes contam que a comunidade contava com um campo de futebol e dois times que competiam em campeonatos e torneios, o Internacional da Linha Scolari e o Penharol. O futebol da comunidade perdurou por anos e ainda é um tema que remete a história do local. “Nós sempre tivemos campo de futebol lá. Sempre tivemos time. Ficaram campeões duas, três vezes no município.” (HOMEM de 81 anos, Constantina, set. 2025. Transcrição digitada 10p.)

Tamanho o destaque do esporte no local, que pessoas de outras comunidades se deslocavam para ir até lá jogar - a exemplo do nosso terceiro entrevistado. “Em termos de esporte, o time mais próximo para nós jogar era o Internacional da Scolari, que dava três quilômetros de onde a gente residia. E aí a gente jogava. Na época de guri, como se chama, eu e meus irmãos, a gente jogava no Inter da Scolari. Se criou um outro time também lá, que era o Penharol e houve uma divisão na comunidade, é normal. Então, um pouco jogava no Penharol, um pouco jogava no Inter da Scolari. E assim se desenvolveu o esporte, né? Antigamente, as comunidades eram muito fortes.” (HOMEM de 54 anos, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 8p.)

Ele conta que, mesmo sem a permissão do pai que não gostava de futebol e proibia que os filhos jogassem, ele buscava maneiras de ir jogar. A fonte contou que iniciou como uma brincadeira, ainda na infância, quando jogava nos momentos de descanso e com bola feita de meias. O gosto foi criando estrutura e ainda atualmente ele se envolve com outros times do município.

Para essa fonte, o futebol tem papel especial na própria vida e história dele. Ele compartilhou que a paixão pelo futebol é o jeito de encarar a vida com persistência, mesmo

após lesões e desafios. No entendimento dele, o esporte é primordial na formação de caráter e na vida comunitária.

4.2.5 Linha Bonfanti

A comunidade da Linha Bonfanti traz elementos singulares, por ser o único lugar do município que preserva certos elementos da cultura dos imigrantes. No local, onde foi feita a entrevista, é uma espécie de museu que recebe as escolas do município para estudo da cultura local. O espaço é preservado nas características da época. Nossa entrevistada, uma mulher de 64 anos, é a pessoa que cuida do espaço, ela é viúva de um Bonfanti - família com maior infraestrutura instalada na comunidade.

Ela contou que a família Bonfanti tinha uma loja que abastecia a comunidade e um moinho que era muito utilizado por toda a região. A família chegou ao local em 1933 com objetivo de montar uma indústria e trouxe consigo um engenheiro austríaco. O espaço é composto por quatro andares e um sobrado, tudo feito de madeira. A construção era tão importante que lá ficavam até os padres de passagem pela região para rezar missas.

Com a imigração italiana, vindos da região de Guaporé/RS e Casca/RS, a igreja católica foi um dos marcos iniciais da vida comunitária. A igreja era feita de madeira e manteve a mesma estrutura até 2007, contando com Santa Terezinha como padroeira. Para além da vida religiosa, o futebol e os bailes eram o momento de lazer dos moradores. A fonte recorda que os momentos de diversão eram os bailes e festas, oportunidade que ela conheceu o marido - o que era comum na época.

O Esporte Clube Juventude era o time da Linha Bonfanti e contava com membros da comunidade e de locais próximos, como a Linha Três, que antes de fundar o próprio time era membro do Juventude. Devido à quantidade de pessoas presentes na comunidade e a falta de possibilidades de locomoção, já que o cavalo era a principal forma de transporte, para os dias de jogos era um desafio. Para isso, os caminhões contemplavam essa necessidade, onde torcedores e jogadores lotavam a caçamba dos veículos e para ir até os jogos.

“Nosso campo aqui, era uma grama, assim, excelente. Até hoje, tem uma grama alta. Às vezes eles roçam com aquela roçadeira com trator. Porque dá para entrar bem lá. Daí eles roçam e fica a grama baixinha, mas foi feito muitos encontros lá naquele campo que eu lembro, nossa, churrasco e daí faziam os campeonatos, os torneios. Meu Deus, quanto... Meu marido cansou de puxar gente em cima do caminhão. Aqueles caminhões cheios de gente pra ver o futebol. Nós ia por tudo,

aquele povo em cima do caminhão.” (MULHER, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 8p.)

A comunidade da Bonfanti, mesmo com poucos moradores, ainda preserva as estruturas comunitárias e de memória da chegada dos imigrantes. O local é reconhecido como um espaço histórico no município de Constantina.



Figura 04 - Imagens do casarão ainda preservado da família Bonfanti na comunidade, com malas trazidas na imigração italiana, máquina de costura e de escrever, além de quadros religiosos. (Fotos: Valeria Cenci).

Outro ponto apresentado pela entrevistada foi em relação ao papel dela, enquanto mulher, nas dinâmicas dos jogos. “Era eu que, depois, na segunda-feira, lavava as camisas do time. Eu tenho lá em cima, no sobrado, a sacola cheia de camisa do time. O varal ficava cheio”. (MULHER, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 5p.) Assim como neste caso, as mulheres que viviam mais próximas ao local dos campos ou que fossem esposas de lideranças do time ou da comunidade tinham para si essa tarefa: lavar o uniforme dos atletas. A mulher contou que lavava a mão em um tanque com água e sabão feito em casa, sem máquina ou produtos.

4.2.6 Linha São Marcos e São Marcos Alto

Um Homem de 69 anos e uma Mulher de 63 anos foram entrevistados para falara a Linha São Marcos. O Homem contou que se mudou para a comunidade em 1979, onde já havia uma estrutura comunitária, com igreja, escola e clube de futebol. O local recebeu os primeiros imigrantes descendentes de italianos vindos da região de Guaporé, ainda em 1929. Com o tempo, o São Marcos se desenvolveu e, além da agricultura, contava com loja de secos e molhados, loja de tecidos, moinho, marcenaria, ferraria e bares.

Com o processo de chegada de moradores e necessidade de infraestrutura, para facilitar os deslocamentos até a igreja e a escola, a comunidade foi desmembrada em duas partes em 1964, com uma sede religiosa para cada local: Linha São Marcos e Linha São Marcos Alto (definido dessa forma pelo relevo, um na parte baixa do território e outro na parte alta).

Até os dias atuais, o São Marcos conta com a mesma divisão territorial. No São Marcos o padroeiro é São Marcos, contava com uma escola - desativada recentemente - e um time de futebol, o Grêmio São Marcos. Já o São Marcos Alto conta com Nossa Senhora de Fátima como padroeira, lá também havia uma escola e o Cruzeiro como time da comunidade. Com o êxodo rural, a quantidade de famílias no local diminuiu, as escolas foram desativadas, mas o núcleo religioso e esportivo ainda é mantido pelos moradores.

O local ainda é lembrado pelo futebol, como uma parte central da vida comunitária, em especial pela história do Grêmio São Marcos. No período em que a fonte mudou-se para o local, eram realizados jogos em praticamente todos os domingos - realidade que se alterou, mas até hoje, o escudo do time é o primeiro elemento que se vê ao chegar ao local. A identidade com o futebol, no caso do Grêmio São Marcos, se manteve ao longo dos anos. O time já não conta com muitos atletas e não se mantém competitivo, mas ele se tornou um fator da identidade local.

A fonte descreveu que os eventos eram organizados pelo clube de futebol para arrecadar fundos e manter o esporte - eram feitos torneios, dias esportivos, com churrasco e jogos - fossem feitos pelo Grêmio ou pelo Cruzeiro. O entrevistado contou que por não ter outras formas de 'divertimento', os dias de jogos eram momentos de reunião da vizinhança em torno da festividade esportiva - iam os atletas, os torcedores, até mesmo os que não apreciavam o esporte, estavam lá, todos para ter um momento de lazer.

A torcida, enchia os caminhões de gente para ir, para voltar. Um povo feliz, cantando, vibrando. Nós vivíamos a dificuldade de não ter dinheiro. Eu, como

tantos, eu fazia cesto, ia no mato, fazia um cesto pra vender, pra ter o dinheiro pra pagar a corrida, senão não tinha. Aqui tinha um povo que vinha jogar futebol lá do Peixe. Vinha a pé e voltava a pé. Voltava cantando. E era muito lindo isso, né? A gente gostava de fazer isso. Então, eu joguei também futebol até os 57 anos. E ainda fui campeão naquela época. Então, a história do futebol, ela é essa, né? Muito bonita. (HOMEM, Constantina, jul. 2025. Transcrição digitada 10p.)

Ainda no relato, a fonte contou que mesmo em um período sem telefone ou carros, as pessoas se reuniam em torno do jogo. Havia um forte senso de comunidade, fosse para manter a estrutura em torno da organização comunitária, ou mesmo para proporcionar que estivessem presentes nos eventos.

Não tinha um domingo que nós não tivéssemos futebol. Eu quase sempre fui diretor esportivo e era difícil o domingo que a gente não tinha futebol. Sem telefone, sem carro, e a gente conseguia se articular com dois, três cavalos. ‘Olha, tem jogo de bola aí de tarde’. Então, um avisava aqui, outro avisava lá. E a gente enchia essa comunidade de povo. Tinha gente. Era muito lindo isso, porque tinha os jovens, as gurias, os rapazes ali sentados na beira do campo. (HOMEM, Constantina, jul. 2025. Transcrição digitada 10p.)

Além do futebol, os moradores jogavam bocha e baralho. As atividades eram realizadas em um espaço comunitário, mas gradualmente surgiram as bodegas dedicadas aos jogos de cartas e a venda de bebidas alcoólicas. Com relação a esses espaços, diferente dos jogos de futebol, apenas os homens frequentavam.

Outros momentos de interações sociais eram as festas dedicadas ao padroeiro católico São Marcos e à Nossa Senhora de Fátima. A primeira igreja foi inaugurada em 1938, a qual ficou pertencente ao São Marcos, e a segunda em 1966 no São Marcos Alto. Em ambos os locais havia escola e o campo de futebol - além da bodega.

Com os anos, a comunidade passou por um processo de reformulação, com a necessidade de adaptação às mudanças sociais e econômicas do local. Na conversa, o entrevistado compartilhou que ele e a família sempre estiveram envolvidos nas atividades da comunidade, incluindo o futebol, e como isso se passou para as gerações seguintes.

4.2.7 Linha Gramado

A comunidade de Linha Gramado era próxima ao atual município de Liberato Salzano, em 1936 chegaram os primeiros moradores. O entrevistado, um Homem de 68 anos,

contou que nasceu próximo, na Linha Gramadinho, que veio a se tornar território de Liberato, mas no período, ainda não havia essa divisão formal, então as comunidades eram integradas, seja para celebrar a fé, ir para a escola ou a prática comunitária e esportiva.

“Eu vinha jogar muito futebol aqui, né? Joguei bastante, tanto nesse campo aqui como aquele ali, né? Daí também me associei nesse campo aqui também, né? Depois que a idade foi chegando, eu fui parando de futebol. Até os 40 anos joguei.” (HOMEM, Constantina, nov. 2025. Transcrição digitada 10p.)

Ele conta que, desde a infância, participava ativamente da comunidade, auxiliava na igreja católica e participava do time de futebol do Gramado. Na época, o homem descreveu, havia muitos campos improvisados, eram pequenos espaços onde as crianças se reuniam para brincar de bola - dada a quantidade numerosa de filhos de cada família, era possível juntar muitas crianças e adolescentes nesses espaços. Ele contou também que o futebol era uma parte importante da vida comunitária e se destacava como uma forma de lazer que reunia a comunidade no entorno dos jogos e torneios do time Ouro Verde.

A comunidade contava com agricultores, mas também havia comércio de tecidos e comércio de secos e molhados, bodegas, uma ferraria, espaço para bailes e até um hotel. A produção de fumo também era comum no local. No entanto, com relação à produção de milho e trigo e não havendo moinho no local, a fonte relatou que os produtos eram encaminhados para a Linha Bonfanti onde eram moídos. A Linha Gramado, como muitas outras de Constantina, se dirigiam a cavalo até a Bonfanti, onde era feita a moagem de grão - o local era uma referência para os demais devido à infraestrutura que havia lá.

Com a imigração, predominantemente italiana, a fé era em torno da crença católica. Logo no início havia uma igreja, construída pela comunidade para Santa Lúcia e Santo Antônio. A igreja atual foi construída em 1971, substituindo uma estrutura anterior de madeira. O avô do entrevistado foi um dos fundadores da igreja. Na comunidade, a festa era dedicada à Santa Lúcia, embora no passado também se celebrasse Santo Antônio. No Gramado também havia muitas famílias de caboclos, os quais aderiram aos credos e rituais católicos.

4.2.8 Linha Candaten e Candaten Alto

A comunidade da Linha Candaten recebeu os primeiros moradores em 1930, italianos vindos de Serafina Corrêa e outros de Guaporé. Alguns dos moradores se instalaram no que atualmente é conhecido como Linha Candaten e outros na Linha Candaten Alto. Como, na

época, o número de pessoas na área rural era significativo e havia dificuldade de locomoção da família para as atividades religiosas e comunitárias, se formaram as duas linhas.

Com a imigração italiana, a escolha de um santo ou santa padroeira era uma das primeiras ações dos colonos, assim que chegavam e se instalavam, um protetor era escolhido. Em um primeiro momento, um dos imigrantes tinha um quadro de Santo Antônio e ele tinha o papel de protetor do local. Com o tempo e a devoção dos colonos, a Linha Candaten passou a celebrar Nossa Senhora de Lourdes como padroeira.

Tamanha era a relação com a fé que o próprio esporte foi impactado por ela. O time da Candaten foi fundado no dia 13 de Julho e por esse motivo carregou essa data como nome, time 13 de Julho em homenagem a Santo Antônio. Além do futebol, outras brincadeiras também permeavam o lazer dos imigrantes, como a bocha, jogo de cartas e o jogo ‘la mora’³. A entrevistada, uma Mulher de 76 anos, contou que brincava de bola, mas nunca jogou futebol no time da comunidade, já que o futebol era uma atividade restrita aos homens. Para as mulheres cabia torcer para os irmãos e namorados, mas não tinham permissão de participar.

Era muito bonito. Ia com o caminhão cheio, porque nós íamos numa comunidade já do meu tempo, de 15, 16 anos. A gente, por exemplo, tinha um torneio, vamos dizer. Lá pra Capinzal, então ia o time de futebol e nós ia todas, por exemplo, as moças de 15, 16 anos e tudo, nós ia acompanhar o jogo pra fazer a torcida. Era muito bom, bonito aquele tempo lá. (MULHER, Constantina ago. 2025. Transcrição digitada 6p.)

Importante destacar que quando chegaram os primeiros imigrantes, a Linha Candaten era ocupada por caboclos, os quais, segundo Santos (2011), venderam as terras para os imigrantes e mudaram-se do local. Na entrevista coletada para a presente pesquisa não foi possível obter mais detalhes relacionados a essa questão.

4.2.9 Linha Barra Curta Baixa e Linha Barra Curta Alta

A região denominada Barra Curta foi colonizada nos primeiros anos do século XX e é um dos espaços que primeiro recebeu imigrantes em Constantina. O local recebeu muitas pessoas vindas de Guaporé e região, na maioria italianos. A comunidade foi se consolidando

³ O jogo ‘la mora’, ou apenas mora, é uma tradição com origem na atual região italiana do Vêneto e foi trazida para o Brasil pelos imigrantes. A palavra significa "morra!". O jogo é tradicionalmente realizado no dialeto talian e se resume em acertar quantos dedos da mão que os jogadores apresentam sobre uma mesa, batendo os dedos sobre ela.

gradualmente e passou por algumas mudanças. O território da Barra Curta se desmembrou e se tornou Barra Curta Alta, onde estavam os colonos que primeiro chegaram à Barra Curta Baixa e a Linha Bressan, onde viviam os caboclos.

Nesse primeiro momento vamos tratar da Barra Curta, onde os imigrantes estabeleceram um espaço comunitário com capela e o padroeiro São Roque, no local também foi construída uma escola e havia até uma biblioteca que, segundo o entrevistado, contava com 220 exemplares trazidos pelo padre Wolff, que era alemão. A fonte relatou que tinha uma relação muito próxima com a religiosidade, ele era o responsável por cuidar dos livros doados pelo sacerdote e após foi para o seminário. No seminário, o entrevistado, um Homem de 83 anos, contou que aprendeu a jogar futebol, aprendeu as regras e a execução adequada dos movimentos do futebol.

Aprendi no seminário. Lá os professores puxavam a orelha. Tinha que aprender meio que na mara, na mara. Se você ia chutar um escanteio, e você ficava na área, o professor colocava todo mundo em cima. E assim, assim, explicava tudo. O professor explicava mesmo. Eu estudava em Carazinho. (HOMEM, Constantina out. 2025. Transcrição digitada 9p.)

Quando o entrevistado voltou do seminário, não mais retornou e não finalizou a formação sacerdotal, mas seguiu comprometido com as celebrações católicas da comunidade, em um primeiro momento na Barra Curta e após na Linha Bressan, para onde mudou-se. Ele contou também que, em determinado período, após prestar serviço militar na década de 1960, os livros sumiram e ele não sabia o que havia ocorrido. O fato se deu em meados da década de 1960, período da Ditadura Militar no Brasil - no mesmo período, os livros das igrejas luteranas nas comunidades alemãs também foram destruídos.

Em relação ao lazer, a comunidade contava com bodega com jogos de cartas e bocha, além das brincadeiras de futebol das crianças e adolescentes. O local também contava com um time que contemplava as três comunidades, o União Central, o qual contava com muitos bons atletas, conforme relato do entrevistado.

4.2.10 Linha Bressan

Com a chegada de mais imigrantes em 1923 houve a formação da Linha Bressan, local que era ocupado por caboclos. Segundo a obra organizada por Santos (2011), os caboclos teriam comercializado as terras para os colonos. Em relação à comunidade há

registros religiosos e do trabalho agrícola, já que existe a relação com lazer com a comunidade da Barra Curta - não foi possível identificar um time próprio do local, apenas futebol de bricolagem.

A padroeira da Linha Bressan é Nossa Senhora de Fátima e a capela foi construída na escola que existia na linha. Já a escolha pela Santa se deu por um grupo de mulheres que decidiram adquirir uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, influenciadas pela devoção pela mesma. Na época, como os padres precisavam vir de Nonoai e atendiam muitas comunidades, era comum que pessoas do próprio grupo conduzissem a reza do terço, algo comum nas comunidades católicas da época.

O entrevistado que falou sobre a Linha Barra Curta e Barra Curta Alta, o Homem de 83 anos, também concedeu entrevista sobre a Linha Bressan. Ele contou como a comunidade se formou, como uma subdivisão da Barra Curta e também falou da vida em comunidade. “Depois de velho, comecei a participar na linha Bressan também. Mas nós éramos da Barra Curta Baixa antes, né? Antes de casar, nós éramos da Barra Curta Baixa. Porque não tinha lá em cima, né?” (HOMEM, Constantina out. 2025. Transcrição digitada 9p.)

4.2.11 Linha São Pedro Deon

Em 1939 chegaram os primeiros imigrantes italianos, o local ainda com pouca infraestrutura já contava com ritos religiosos. O entrevistado, um Homem de 71 anos, contou que, mesmo sem um espaço, houve a celebração da primeira missa sob uma árvore. Com o tempo, as famílias começaram a se reunir, foi construída uma escola para o ensino da catequese e, posteriormente, foi construída uma igreja em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. A definição do padroeiro se deu com a doação, feita por um morador da comunidade, de uma estátua de São Pedro. Segundo relato, a igreja original era de madeira, com o tempo foi construída uma estrutura de alvenaria - um ponto central da comunidade.

O entrevistado detalhou que havia um comércio de secos e molhados ativo na comunidade, incluindo uma bodega. Conforme relato, a prática de jogos de cartas e bocha era comum na comunidade. Desde o início, o futebol também foi uma atividade importante. O primeiro campo foi feito manualmente, com a derrubada de árvores e preparo do terreno. O time local se chama Bem-te-vi, nome inspirado em passarinhos. Ainda segundo o entrevistado, com famílias grandes, com muitos filhos, o fato contribuía para a formação de times de futebol.

Ao longo da vida do entrevistado, ele sempre participou do time da Linha São Pedro Deon, ele declarou que jogou até os 54 anos, com participação em campeonatos e torneios.

Nesse momento do diálogo, a esposa do entrevistado, que também estava no espaço da coleta do relato, declarou que sempre acompanhou o marido nos jogos - assim como outras mulheres que participavam como torcedoras e levavam os filhos para assistir. Mas ela não chegou a participar como jogadora.

E nós no fim de semana, no domingo, no sábado e tarde no domingo, nós íamos derrubar as árvores com machada, carregava com uma junta de boi e levava fora. Mas era timbó de dez, doze metros. Abrimos lá um campo de noventa por sessenta no meio do mato. No meio do mato. Por isso que lá o nome do time é Bem-te-vi. Bem-te-vi por causa dos passarinhos, sabe? Bem-te-vi. (HOMEM, Constantina, ago. 2025. Transcrição digitada 5p.)

4.2.12 Linhas Três

O entrevistado da Linha Três é o personagem mais velho da presente pesquisa, ele está com 88 anos. Os primeiros moradores chegaram em 1936, no entanto, a definição de comunidade se deu em 1964. As pessoas que chegaram na atual Linha Três faziam parte da vida comunitária na Linha Bonfanti. Com o crescimento populacional e a necessidade de infraestrutura, foi construída uma igreja e uma bodega na nova comunidade.

Segundo o entrevistado, um Homem de 88 anos, o lazer na comunidade também girava em torno de jogos de cartas e bocha, além do futebol. Os torneios de futebol em torno do time Ipiranga eram um dos momentos de lazer, quando a comunidade se reunia para comer churrasco, beber e ver o time jogar. No entanto, assim como os demais times, com o êxodo rural e as famílias com menos filhos, o time perdeu força e encerrou as atividades.

Eu joguei um pouco de futebol, mas quando tinha idade, tinha lá uns 18, 20 anos. Estádio de futebol já tinha um aqui em Constantino, era lá no Bonfante. Quem gostava mesmo era meu pai. Ele era apaixonado. Jogava bem, desde criança, hoje eu acho que ele seria um profissional. (HOMEM, Constantina, dez. 2025. Transcrição digitada 23p.)

O entrevistado contou que trabalhou como agricultor e motorista, ele também mencionou que o trabalho agrícola era a principal atividade da comunidade, cultivando milho, feijão e suíno - todas as atividades comuns nas comunidades na época da instalação dos imigrantes.

A vida comunitária era muito intensa, conforme relato, e se estendia para além dos aspectos religiosos e do esporte. Os vizinhos se encontravam muito, fosse para socializar e compartilhar alimentos, além de auxílio no trabalho - em especial em época de colheita e ao matar os porcos.

4.2.13 Linha Savaris

Conforme entrevista, a comunidade tem uma história que remonta há cerca de 90 anos, os primeiros moradores chegaram por volta do ano de 1930. Os primeiros moradores vieram da região de Guaporé, abrindo picadas e construindo lavouras e moradia para as famílias. Desde o começo, os moradores cultivavam lavouras de milho, e após iniciaram as lavouras de soja. A agricultura era uma das principais atividades da comunidade, com muitos dos moradores de origem italiana.

Conforme relato do entrevistado, um Homem de 63 anos, o futebol era uma parte importante da vida comunitária, com muitos jovens envolvidos. A comunidade tinha um time chamado Sete Pinheirinhos, que mais tarde se tornou União Savaris. O futebol era uma forma de lazer e socialização, especialmente nos fins de semana. A fonte detalhou ainda, ao ser questionado sobre o papel da mulher no espaço do esporte, que, as mulheres tinham um papel focando nas responsabilidades domésticas, enquanto os homens jogavam futebol e trabalhavam na lavoura.

O pessoal trabalhava no verão até de tardinha e depois ia jogar futebol. O futebol era muito mais envolvente. A juventude saía... terminava de fazer o serviço com os pais, ia pra casa e um convidava o outro e jogavam bola até escuro, né? Nos campinhos que tinha perto das famílias. Então era um atrativo muito forte, o esporte. E por isso que quando saíam jogar futebol, aí todo mundo queria jogar. Tinha o primeiro e o segundo time de cada comunidade. Mas daí dava até quatro times, o treinador é que escolhia o melhor pra jogar. Era uma peleia pra jogar bola, todo mundo queria jogar e além do campo, tinha mais os campinhos, né? No sábado daí a juventude jogava bola nos campinhos. Era tanta gente que tinha, né? Cada família tinha nove, dez filhos e daí o pessoal queria jogar futebol e daí o campo oficial era mais pro domingo, né? (HOMEM, Constantina mai. 2025. Transcrição digitada 17 p.)

Segundo a fonte detalhou que a comunidade e as práticas mudaram ao longo dos anos, com menos jovens jogando futebol atualmente. O campo de futebol continua em uso, com torneios e atividades esportivas. A conversa menciona a importância das relações familiares e

a proximidade entre os membros da comunidade. As famílias eram numerosas, e as visitas eram uma parte importante da vida social.

A comunidade, predominantemente de origem italiana e católica, contava com igreja e a celebração do Imaculado Coração de Maria desde o início, já que um quadro foi trazido pelos colonos. Assim que chegaram se reportavam à imagem para a prática da fé, com a reza dos terços e após a estruturação de espaço adequado com o rito das missas.

4.2.14 Linha Sabadin

A comunidade foi formada por imigrantes italianos, mas não há registro exato do ano em que os primeiros moradores chegaram no local conhecido como Linha Sabadin. Com a chegada e instalação dos primeiros habitantes foi construída uma igreja com a padroeira Nossa Senhora das Graças. Além da prática religiosa, a comunidade contava com a prática de futebol e bocha. O time da comunidade era o 15 de Novembro.

O entrevistado, um Homem de 77 anos, contou que o futebol na comunidade iniciou em um potreiro, como era comum na época. As pessoas se reuniam no fim de semana e limpavam um potreiro para poder jogar, retiravam as pedras, as ervas daninhas e assim se constituía o espaço para o jogo.

O Homem contou que gostava de jogar, mas quando casou decidiu parar com o futebol, pois acabava sempre lesionado. “Não é sorte. Eu jogava firme. Cara, fazer um golzinho tem que ser bom. Eu nunca briguei, graças a Deus. Só que nós entrava bruto. Quebrou aqui (o pé).” (HOMEM, Constantina, mai. 2025. Transcrição digitada 17p.). Ele contou que quando jovem chegou a jogar com algum osso quebrado, depois dos torneios acabou de cama devido às lesões.

Um dos motivos que levaram a parar com o esporte era o impacto que as lesões tinham na rotina de trabalho. A vida do trabalho na comunidade girava em torno da agricultura, incluindo cultivo de trigo e criação de animais (porcos e vacas). Atualmente o Homem já não vive mais na comunidade e passou a morar na área urbana de Constantina, mas conta que ainda planta alguns alimentos no terreno ao lado da casa - para se manter ocupado.

4.2.15 Linha Rodeio São João e Rodeio Alto

O relato sobre a comunidade do Rodeio São João e Rodeio Alto foi concedido por um homem de 63 anos. Ele detalhou que o local recebeu os primeiros imigrantes em 1920, na maioria italianos vindo da região de Guaporé. No entanto, já havia caboclos que viviam no

local. O Rodeio São João ficava na parte mais baixa do território e o Rodeio Alto no território de maior altitude.

O entrevistado relatou como o futebol era uma parte central da cultura comunitária, com muitos jovens no time local, especialmente entre as décadas de 1990 e 2000. No entanto, a modernização e a migração para as cidades levaram à diminuição da população e, conseqüentemente, à perda do esporte como forma de lazer. Por haver dois times no local, um pertencente a cada comunidade, havia forte rivalidade entre ambos. Os times eram o Esporte Clube Juventude de Rodeio São João e 1º de Maio de Rodeio Alto.

Eu jogava também futebol ali e, digamos, nesse período que as comunidades eram fortes, muitas vezes tinha, sobrava jogador para dois times, tinha o time A e o time B, e sempre tinha sobra de jogador num determinado período. Então se jogava quase que todos os finais de semana jogos amistosos. O pessoal se deslocava de caminhão. Sempre lotava um caminhão. Nas outras comunidades também, praticamente todas as comunidades do interior do município de Constantina tinha campo de futebol. E também, em determinado momento, havia campeonatos. Então, tu organizava time para... Daí, então, pegava alguns jogadores de outras comunidades para jogar e organizar o time para campeonatos. Nós jogamos vários campeonatos. Tivemos times razoáveis, nunca ganhamos nenhum título, mas, digamos assim, o esporte no município de Constantina, especialmente a participação das comunidades no interior era um lazer importante, porque existiam poucas festas e não havia um deslocamento em muitas comunidades distantes. (HOMEM, Constantina, mai. 2025. Transcrição digitada 6p.)

Segundo o relato, a devoção da comunidade era por São João Batista, o qual foi escolhido como padroeiro. Em homenagem ao santo eram feitas festas e celebrações que reuniam a comunidade local e moradores de outros espaços. Além da igreja, a comunidade contava com uma escola, um espaço para prática do futebol, bodega e um espaço para festas. Tudo ficava próximo, no centro daquela comunidade - a exemplo de outra.

A comunidade contava com muitas famílias e devido à quantidade de jovens, um grupo de jovens se formou no local, os quais mobilizaram atividades festivas, religiosas e esportivas em torno do grupo. Também havia o jogo de cartas e bocha como forma de lazer, o futebol aos fins de semana e o jogo de futebol nos poteiros que eram uma das principais diversões das crianças. As mulheres, no entanto, mais uma vez foram relatadas como espectadoras do esporte.

4.2.16 Linha Belli

O entrevistado, um homem de 69 anos, contou que o pai dele foi um dos primeiros imigrantes que chegaram ao local em 1920. O local já contava com caboclos que moravam nas terras denominadas Linha Belli. Com a chegada dos imigrantes italianos, vindos de Antônio Prado, a instituição de uma igreja católica foi uma das primeiras ações. Em 1940 foi construída a primeira capela em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da comunidade.

Segundo o relato, o futebol também logo surgiu e era a paixão local, mobilizando a comunidade em torno dos torneios. O entrevistado contou que o pai dele jogava futebol desde a infância e a relação com o esporte foi passada de geração em geração. O time local era o Ipiranga da Linha Belli, em torno do qual eram organizados torneios com churrasco e prêmios, o que envolvia a comunidade.

Além dos campeonatos e torneios, o entrevistado também contou que havia a realização de disputa de pênalti com premiação para os três melhores times - nesses casos não se jogava o jogo todo, apenas os chutes de pênalti. “Aí quando nós fazia aqui, daí tinha torneio de pênalti, era só nos pênaltis. Tu dava bola, quem fazia mais de cinco levava o prêmio. E sempre era uma ovelha, um terneiro, um porco, uma coisa assim. Uma caixa de cerveja, segundo lugar, também, terceiro lugar, era divertido.” (HOMEM, Constantina, abr. 2025. Transcrição digitada 17p.)

4.2.17 Linha Matriz

A entrevistada, uma mulher de 77 anos, que descreveu as memórias sobre a Linha Matriz explicou como a origem do nome dado para a comunidade está ligada ao fato da sede religiosa da comunidade ser a igreja matriz e não contava com uma capela local. No relato, a fonte detalhou que na Matriz o futebol foi organizado antes mesmo de haver uma igreja. Mesmo sem uma igreja, a comunidade contava com um capitel construído em 1957, inicialmente como um espaço pequeno para rezar o terço.

Na verdade, o futebol foi antes da igrejainha aqui na Linha Matriz, porque aqui pertencia, era tudo na paróquia, por isso que é a Linha Matriz, né? Teve uma festa na paróquia e cada comunidade ia com a sua tendinha pra vender coisas. Não sei se doces, se produtos coloniais, sei lá, enfim. E o pessoal aqui da comunidade também foi. Aí chegaram lá e disseram que nome nós vamos colocar? Que não tinha nome, né?! Como pertencia pra paróquia, daí o padre disse, coloca a linha Matriz. E aí que surgiu linha Matriz, né? Porque pertencia pra matriz. Então, era tudo. Missa, catequese, mesmo porque catequese na maioria das vezes era em casa que ensinava,

depois de uma semana ou duas, três, ia lá para as Irmãs e depois fazia a primeira comunhão. Então, aqui, era tudo lá a parte religiosa. Depois, só em 1957 que surgiu a ideia de construir um capitel. Daí foi só uma coisinha pequena, só para rezar o terço. Porque as famílias eram grandes, tinha bastante criança. (MULHER, Constantina, mar. 2025. Transcrição digitada 11p.)

O futebol era uma atividade central, com campos e jogos organizados. As famílias se reuniam para assistir aos jogos, mesmo quando chovia, os torcedores ficavam em uma casa vizinha ao campo de onde poderiam ver a partida pelas janelas de casa.

Quando chovia, daí, dali da mãe, que a casa ficava de frente para o campo, a gente ficava na janela, torcendo, eles lá no campo, no outro lado do rio, uns 100 metros, e a gente ficava lá assistindo pela janela. Vinha o pessoal, os vizinhos, né? Pra fazer a torcida, pra ver eles jogarem, né? (MULHER, Constantina, mar. 2025. Transcrição digitada 11p.)

Além do futebol, a prática do jogo de bocha também era comum. “Os homens tinham, do lado da escola, um puxadinho e fizeram uma bodega para os homens se encontrarem, jogar baralho, e tinha a cancha de bocha também que jogavam.” (MULHER, Constantina, mar. 2025. Transcrição digitada 11p.)

A Linha Matriz recebeu os primeiros moradores por volta de 1920, que imigrantes italianos.

4.2.18 Linha Guardinha

A comunidade da Linha Guardinha contou com uma imigração diferente: além dos italianos, também se instalaram no local espanhóis, o que proporcionou que atividades distintas de outros locais fossem estabelecidas. Os novos moradores chegaram entre 1938 e 1940, vindos de Guaporé e Anta Gorda. O local tinha agricultura, mas também havia famílias que montaram venda de secos e molhados, moinho, ferraria, alfaiataria e até barbearia.

Segundo relato, de um Homem de 67 anos, a Linha Guardinha contava com muitos moradores e recebia pessoas de comunidades próximas, como, por exemplo, as extintas Linha Progresso e Linha Santa Lúcia - as quais foram absorvidas pela Guardinha, por decisão do pároco da igreja matriz de Constantina. Na comunidade foi construído um capitel para São Cristóvão, apenas em 1960. Foi após a integração das comunidades, com a extinção da Linha

Santa Lúcia, que foi construída uma igreja e a imagem de Santa Lúcia deixou a antiga capela para o novo espaço.

A comunidade também contava com espaço para o jogo de bocha e corrida de cavalos, além de um salão de bailes. No núcleo principal da Guardinha foi construído o espaço para um campo de futebol, Estádio Alcides Paludo, que era a casa do Esporte Clube Guardinha, um dos únicos times ainda em atividade no município. Alcides Paludo, nome dado ao estádio, foi quem doou a terra para o clube. Em homenagem a Paludo, além do nome, eternizaram também outra paixão, ele que era torcedor do Vasco viu o uniforme da Guardinha construído com as mesmas características do clube carioca.



Figura 05 - Registro de um título conquistado pela equipe da Linha Guardinha, a imagem é composta por atletas e membros da comunidade de diferentes idades. Na fotografia é possível observar o uniforme do clube inspirado na camisa do Vasco da Gama. (Fonte: Arquivo pessoal).

O entrevistado recorda que “os primeiros campeonatos (as finais) eram todos disputados no campo do Comercial, lá era o único campo cercado. Aí depois o interior começou a cercar e aí jogamos em casa em 1986. Cercamos o campo e ficamos campeões naquele ano (isso em 1986).” (HOMEM, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 10 p.)

A comunidade da Guardinha segue com a tradição do futebol, mas com menor frequência. Mesmo com poucos moradores, pessoas de outros locais se dirigem para jogar lá.

Essa prática se dá há alguns anos, ainda quando o Campeonato Municipal de Futebol era realizado. Em entrevista ao livro *Dentro e Fora das Quatro Linhas*, o personagem Jango contou que na Guardinha todos eram “muito dedicado e tentava inscrever os melhores atletas, como se diz, para enfrentar as equipes do Engenho Velho e do Comercial, que eram fortes. A gente ia buscar e ia levar, ajudava nos custos, se viesse de Passo Fundo, Rondinha, Chapecó.” (CENCI, 2020; p. 53)

4.2.19 Linha Gheller

Na comunidade da Linha Gueller, o pai do entrevistado, um Homem de 64 anos, foi um dos primeiros moradores, vindo de Guaporé. Conforme relato da fonte, a família doou terras para a formação da comunidade, iniciando com a construção da igreja. No início, havia uma pequena bodega onde a comunidade se reunia para festas, especialmente em comemoração ao padroeiro São Pedro. O salão de festas foi construído nos anos 1980, e antes disso, as reuniões eram em um pavilhão de madeira.

O futebol começou a ser organizado na comunidade na década de 1970, com a formação de times. Segundo o entrevistado, o time local foi nomeado Corinthians da Linha Gueller em homenagem ao famoso clube de São Paulo. Já nos anos de 1990, com a construção de um salão, iniciaram os times de futsal e com ele, além do time adulto, também foi formado um time infantil, com uma espécie de escolinha de futebol.



Figura 06: Foto da equipe infantil do Esporte Clube Corinthians, sob o comando do morador local Vanildo Gueller. O registro foi feito em 1995.

Com o tempo, já no início dos anos 2000, os jovens começaram a sair da comunidade para estudar, resultando na diminuição do número de jogadores e na eventual extinção do time de futebol.

Antes, os amistosos eram só dois times de futebol. Era a minha comunidade com a tua comunidade, no caso. E depois tinha os dias que a gente fazia os dias de futebol, que tinha seis, sete, oito times. Mas era tudo embaixo das árvores, praticamente, porque não tinha pavilhão, não tinha nada no campo. (HOMEM, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 6p.)

Atualmente, a comunidade tem poucos jovens e o campo de futebol foi convertido em lavoura. A comunidade enfrenta desafios, com a falta de jovens e a quase inexistência de atividades sociais, exceto pela igreja que ainda funciona. “É que, assim, os jovens saíram da comunidade para estudar, daí não voltavam mais. Aí começou a faltar jogador. Onde no começo a gente tinha dois ou três times, começou a ter dois, depois tem um, e no fim a gente parou por não ter mais gente.” (HOMEM, Constantina, jun. 2025. Transcrição digitada 6p.)

4.2.20 Linha Encruzilhada

A comunidade da Linha Encruzilhada começou a se formar no início do século XX com a chegada de imigrantes alemães. Devido à colonização, a prática religiosa se deu com a construção de uma igreja luterana. Nesse caso, com a infraestrutura religiosa, também foi estabelecido um espaço de ensino para as crianças e uma biblioteca com exemplares trazidos da Alemanha.

A colônia alemã foi organizada de forma diferente das demais, quando os colonos chegaram a comunidade já havia sido estruturada para recebê-los e proporcionar educação para as crianças e adolescentes e um espaço para cultivar a fé. Junto ao centro da comunidade também havia um salão para festas, os conhecidos Kerb - festas tradicionais alemãs - com venda de cerveja e cuca, além dos leilões que ocorriam ao longo das festividades.

Nesse caso, a Linha Encruzilhada contava com o esporte em um espaço separado do núcleo religioso da comunidade. O entrevistado, um Homem de 67 anos, relata que moradores construíram um espaço para atender a prática do futebol e os torneios de futebol, do Flamengo da Linha Encruzilhada, que aconteciam separados das celebrações religiosas. Com o êxodo rural e as famílias menores, o futebol da comunidade foi desativado e o antigo campo se transformou em plantação de soja.

Na época, eu me lembro que a gente saía com o Finado Pai. O Finado Pai, logo depois, uns poucos anos, quando a gente tinha seis, sete, oito anos, comprou um Jeep. Daí, onde ele ia, quando ele levava os jogadores de bola, nós íamos pra bichar de atrás, jogando junto no jogo. Daí a gente se lembra que a gente saía pra tudo que era lado. Daí, na época, fazia um torneio de futebol, né? Daí o torneio juntava montes de gente, né? Aquilo enchia, era como uma festa, faziam não sei quantos times, 20, 15, 20, 30 times. Daí botavam jogar cinco minutos, por exemplo. Cinco minutos, se alguém ganhasse, você classificava. Desse empate ia pros pênalti. Daí era sempre disputado. A maioria era disputada sempre em pênalti. Eu me lembro do primeiro campo de futebol que tinha, na terra do meu vô. (HOMEM, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada 10p.)

4.3 Os bairros e os distritos: diferenças territoriais e culturais

4.3.1 Bairro Sete de Setembro

O bairro 7 de Setembro foi fundado justamente no dia 7 de setembro de 1959, a data foi utilizada como nomenclatura do espaço e do time de futebol. O time do bairro foi a primeira decisão da comunidade, a criação oficial do time que representaria aquela comunidade. “Antigamente não tinha o que fazer mesmo, era jogar bola. E se influenciaram e começaram a jogar também. Foi formado um time ali que surgiu o 7 de Setembro. E daí ficou a comunidade.” (HOMEM, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada 8p.)

Segundo os entrevistados, um homem de 77 anos e a esposa dele de 73 anos, no local havia uma olaria e uma bodega que atendia as demandas dos moradores do local e arredores. O principal entretenimento do 7 de Setembro era o futebol, seja a prática como brincadeira de criança ou mesmo a disputa de torneios e campeonatos. Até os dias atuais, o time 7 de Setembro é a principal referência do local e um dos clubes em atividade no município, e que ainda guarda rivalidades.

A rivalidade é com o Comercial e o 1º de Maio. Sempre foi. Todas as comunidades tinham time, Capinzal, Guardinha, mas esses não eram páreos, mas a Comercial de 1º de Maio era a briga grande. Na época, ia no Engenho Velho, tinha que botar dois caminhões só para a torcida que tinha do 7 de Setembro, de tanta gente que tinha que acompanhar. Iam em cima do caminhão, não é que nem hoje. Pensa, era aquele tanto de gente em cima do caminhão. (HOMEM, Constantina, nov. 2025. Transcrição 8p.)

4.3.2 Bairro São Roque

Segundo relato, o bairro São Roque foi ocupado por negros libertos, pessoas pobres e com menos acesso que os demais moradores de outras partes do município. No período, as pessoas relataram não ter dinheiro - de forma geral -, mas no caso dos moradores do bairro São Roque eles não tiveram acesso a terras para agricultura. Muitos, ao chegar em Constantina, se sujeitaram a trabalhos precários em troca de alimento para a família.

O entrevistado, um Homem de 53 anos, tem um programa social no bairro, ele tem uma escolinha de futebol e acolhe crianças e adolescentes, como uma atividade extracurricular. O projeto tem papel importante na realidade local do bairro, que já passou por transformações significativas, mas ainda enfrenta problemas sociais sérios com criminalidade e tráfico de drogas.

Desde o início, segundo relato, o São Roque tinha crianças que brincavam de bola, mas com pouca organização, pois não existia estrutura ou mesmo terreno onde pudessem jogar. Enquanto nas comunidades rurais havia poteiros ou mesmo colonos que doavam terras para a construção de campos, essa não era a realidade do bairro São Roque. Devido a isso, o local nunca teve um time de 'futebol 11', atualmente, além das escolinhas, conta com times de futsal.

O bairro sempre teve time de futebol. Da época eu era moleque ainda, eu tinha lá uns 13, 14 anos, mas já tinha equipe de futebol, né? Os mais antigos ali, montavam equipe, mas tudo de forma desorganizada, sabe? Tipo assim, nunca teve uma organização, tipo uma escolinha de futebol, sabe? Uma equipe, uma direção organizada, nunca teve. Agora, com a nova geração que tá aí, já surgiu, no bairro tem time de futebol, com uma certa organização. Nós também não tínhamos estrutura, campo de futebol, nunca teve no bairro futebol 11. Agora temos um salão, uma quadra de esporte. Então também se torna mais fácil de organizar. (HOMEM, Constantina, nov. 2025. Transcrição digitada 8p.)

O bairro não possui uma unidade religiosa estruturada, mas há igreja católica com Nossa Senhora Aparecida como padroeira e algumas igrejas pentecostais que se instalaram no local. Segundo o entrevistado, essa falta de um centro de referência dificulta a integração da comunidade, já que muitos imigrantes italianos também se estabeleceram no local e nem sempre houve união entre os grupos. Segundo ele, o individualismo entre as famílias é um desafio para a construção de um senso de comunidade no bairro, mas isso se dá pelos

desafios enfrentados pelos negros ao longo dos anos o que fez com que sentissem dificuldade em confiar em outras pessoas e se aproximar.

4.3.3 O Clube Comercial

O Clube Comercial é o que podemos definir como o time urbano de Constantina. A equipe nasceu um ano após a emancipação do município constantinense, em 17 de novembro de 1960, idealizado por um grupo de jovens. Com o tempo o clube se consolidou como uma referência na estruturação de competições de futebol no município, participou de todas as edições do municipal e representa a cidade em certames regionais.

O Comercial iniciou como um espaço de lazer privado com piscinas, espaço para festas e churrasco - o acesso ao ambiente é restrito aos sócios e quem paga para passar um dia no espaço. Mas foi o futebol a maior marca da instituição. Com atletas oriundos do extinto Gaúcho, o Comercial montou o primeiro time em 1961. Apesar de ser um clube para sócios, se passaram alguns anos até que em 1963 o clube passou a contar com o próprio campo de futebol, nomeado Estádio Telvino Santino.

Como Cometa Canarinho, equipe que veste as cores verde e amarelo e tem como símbolo um cometa, surgiu em meio ao espaço urbano e se consolidou como a primeira equipe da “cidade”. Esse fator fez com que os times do interior construíssem maior rivalidade ao enfrentar o Comercial, os jogos costumavam ter discussões e até brigas. Outro elemento que diferenciava o Comercial era a infraestrutura, como detalhou o entrevistado, um Homem de 61 anos:

Em 1993 a Farmácia Domingas completava 23 anos de farmácia e eles patrocinaram o campeonato, eles compararam um dos troféus mais bonitos que teve em disputa na história do campeonato de Constantina e colocaram a taça no vidro da fachada da farmácia. Nessa época o Caçula era o técnico e também preparador físico. Aí o Caçula, todas as terças e quintas a gente fazia preparação física, e no sábado antes de começar o campeonato a gente treinava com bola, para que quando chegasse o campeonato a gente estivesse preparado. Aí na terça e na quinta, depois do trabalho, que todo mundo trabalhava, era umas 18h15 nós se reunia e nós coríamos na cidade e passamos na frente da farmácia. Aí a gente passava lá e o Caçula perguntava “de quem vai ser esse troféu?” e nós respondemos “vai ser do Comercial”, todas as terças e quintas. Então colocamos na cabeça que o troféu ia para o Comercial e formamos uma boa equipe. (HOMEM, Constantina, abr. 2025. Transcrição digitada 10p.)

O Comercial é um exemplo de que mesmo no futebol de várzea é possível ter cobranças e ir além do jogo como uma brincadeira. Campos (2009; p.140) escreve que o futebol amador se joga com maior fidelidade, uma vez que se joga por vontade, amor e diversão. No entanto, essa entrega em nome do jogar por amor carrega cobranças e impacta diretamente a relação entre os membros do grupo, como é o caso de Aluízio - ele que já jogou e foi dirigente do Clube Comercial.

Muitas vezes eu sou um atleta que cobra muito dos companheiros e por isso muitas vezes fui incompreendido. “O Aluízio grita, o Aluízio cobra demais”. Mas poucas vezes o Aluízio e os companheiros não saiam campeões. Quando a gente veste uma camisa a gente tem que defender, tem que defender. Essas coisas nos ajudam a compreender a vida, porque não é só uma questão de futebol. Quando tu tem um objetivo na tua vida tu tem que dar o máximo de ti, nem sempre se consegue. Mas eu acho que é frustrante tu não tentar, isso é frustrante! (CENCI, 2021, p. 50)



Figura 07 - Registro de um título conquistado pela equipe do Clube Comercial, a imagem é composta principalmente por atletas e torcedores. (Fonte: Arquivo pessoal).

4.3.4 O Distrito de Novo Xingu

A colonização do Xingu começou em 1897, com colonizadores alemães luteranos. Conforme relato da entrevistada, Dr. Hermann Meyer, alemão que estudava antropologia nas Universidades de Leipzig, Berlim e Estrasburgo, na Alemanha, teve um papel significativo na fundação da colônia, pois ele auxiliou na vinda dos colonos e organização do local para que quando os imigrantes chegassem pudessem ter acesso ao necessário.

Segundo relato, de uma Mulher de 65 anos, o local iniciou com base agrícola diversificada, incluindo pequenas indústrias como fábricas de queijo e refrigerantes. A agropecuária se tornou a principal fonte de renda do município e se consolidou ao longo dos anos com investimentos em melhoramento genético e tecnologias.

Atividades comunitárias giravam em torno da igreja luterana, e eventos sociais que promoveram a união entre os moradores. Inclusive, conforme descrição, a igreja tinha papel na organização do Kerb, o qual começava com um culto e seguia durante três dias de festa, com cerveja e comidas típicas. Os alimentos da festa, a cuca, bolacha e salame, além da cerveja, eram parte das celebrações. A presença de bandas locais e as danças chamavam a atenção para a festa.

Dada a preservação de elementos culturais próprios, o Distrito do Xingu, desde 1988, fazia intercâmbios com a Alemanha para trocar experiências e receber recursos. Segundo a fonte, o intercâmbio foi importante para a comunidade, que recebeu recursos e apoio do país germânico. Inclusive, a comunidade contava com, além da igreja, uma vasta biblioteca, uma escola e até uma banda de música clássica - a preocupação principal era com a educação e cultura.

O esporte não era o principal lazer, mas havia times formados em várias comunidades. Como o Distrito cresceu, ele mesmo contava com comunidades na parte rural e na parte urbana. Segundo a entrevistada, cada espaço contava com o próprio time. No entanto, havia dois times principais e mais estruturados: Grêmio Xingu e Cruzeiro Cutia. “As famílias eram grandes e tinha jogadores bons naquela época. Então o que era o esporte dos homens. Então lá também tinha os campos, imagina, cada comunidade tinha o seu time. Xingu tinha o seu time.” (MULHER, Constantina, nov. 2025. Transcrição digitada 11p.)

Em 1996 o Xingu se tornou um novo município, chamado Novo Xingu e conta atualmente com 1.646 habitantes e 79,851 km².

4.3.5 O Distrito de Engenho Velho

No fim do século XIX chegaram os primeiros colonos no território conhecido como Engenho Velho, o local era ocupado por indígenas Kaingang. Gradualmente os imigrantes italianos e alguns alemães se estabeleceram e os povos originários foram expulsos no local.

Devido à quantidade de pessoas, vindos de Guaporé/RS e Erechim/RS, que chegaram ao Engenho Velho houve, em um primeiro momento, a forte atividade madeireira com extração de árvores nativas transformadas em madeira para a construção das estruturas locais e da região. Nos relatos coletados sobre as comunidades acima citadas, muitas fontes informaram que a madeira utilizada no início vinha do Engenho Velho.

Com a abertura de espaço iniciou-se o processo agrícola, com plantações de milho e trigo, a pecuária e, após, foram construídos comércios de secos e molhados e ferraria. Com o passar dos anos foi construída a igreja católica, escola, bodegas e salões de baile, além de um espaço dedicado para a corrida de cavalos - prática ainda presente no local.

Conforme relato das fontes, um homem de 79 anos e uma mulher de 68 anos, outro espaço de lazer construído foi o campo de futebol para o time 1º de Maio, que existia desde 1936 estabelecido em um antigo potreiro. Desde o início, segundo o relato, o time local ganhou o carinho dos moradores e passou a ser a principal forma de entretenimento do Engenho Velho. O clube cresceu e contava com sócios e torcida de mulheres organizadas que acompanhavam e levavam os filhos para assistir aos jogos.

As fontes detalham que o nome "1º de Maio" foi escolhido porque os fundadores compraram a primeira bola no dia do trabalhador e tinham o objetivo de transmitir a ideia de união e o trabalho comunitário presente no Engenho Velho. Com o tempo, outro time surgiu para impor rivalidade e competitividade para com o 1º de Maio. O outro time era o Às de Espadas, o qual não durou muito tempo e não há registro da data de fundação ou motivo da escolha do nome.

Na verdade, quando construíram o campo lá era um potreiro né e depois tiraram o potreiro para fazer o campo, daí construíram o clube e o 1º de Maio sempre participava né dos campeonatos. Aqui no Engenho Velho tinha dois times né, tinha dois times naquela época era o 1º de Maio e o Às de Espada. Meu pai tinha uma ferraria, ele tinha clientes que torciam para o 1º de Maio e também para o Às de Espadas, então ele era sócio dos dois times para poder ficar de bem com todos. Mas ele não gostava de futebol, apoiava porque as pessoas aqui do Engenho gostavam muito. (MULHER, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada 9p.)

O Engenho Velho, conforme relato, sempre manteve o futebol como principal marco local, seja como espaço de referência do encontro comunitário, fosse o palco de decisões políticas. Com o crescimento do local e desenvolvimento econômico, o Engenho Velho se tornou Distrito de Constantina e, em 20 de março de 1992, foi emancipado.

Você fala em Engenho Velho, você fala no 1º de Meio. Se não fosse o clube talvez nem município fosse. As reuniões aconteciam todas dentro do clube, sempre foi e sempre será. A sede do clube ainda é a sede do município! (Trecho de entrevista com o ex-atleta do 1º de Maio Jucimar Martinelli).



Figura 08 - Registro de um caminhão carregado de torcedores preparados para acompanhar um jogo do 1º de Maio em outra localidade - o destino não foi identificado pelos entrevistados. (Fonte: Arquivo pessoal).

O período dos anos de 1990 representou outro *boom* de emancipações e o distrito de Engenho Velho, bem como outros territórios, utilizaram de um ciclo de oportunidades (Tarrow, 2009) que, por meio da organização proporcionada pelo clube, tornou a independência uma realidade. A mobilização iniciou com base na ânsia de autonomia, oportunizada pela abertura na legislação do Rio Grande do Sul que favorecia a fragmentação dos territórios, em especial no Norte. O espaço do futebol serviu de cenário para as discussões ganharem força e apoio, já que em campo o clube contava com maciça torcida.

Regulamentado com a Constituição de 1988, o FPM (Fundo de Participação dos Municípios) representava um importante marco na descentralização administrativa, financeira e social dos estados e municípios, conforme explica Clarice Pereira de Paiva Ribeiro no texto “Os critérios de distribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM-Interior) e suas implicações no desenvolvimento socioeconômico dos municípios brasileiros” (2023). Em tal cenário, é possível observar o fenômeno por meio de autores das teorias dos movimentos sociais, já que a oportunidade política e econômica proporcionou o processo emancipatório do Engenho Velho. Nesse caso, olhamos para o que diz Sidney Tarrow (2009), quando aponta que a mobilização em um ciclo de protestos conta com um conflito ou desconforto inicial, gera um repertório de demandas e pautas de reivindicação até o pico de ação do movimento para alcançar o objetivo em questão.

O autor explica que esses ciclos contam com influências mundiais, mas que elas não definem como se dará, mas indicam um caminho possível. Para que todos os elementos estejam alinhados é preciso de recursos — sejam pessoas, bens ou mesmo o ‘espetáculo’ do futebol — saber até onde os grupos estão dispostos a lutar pela causa e quais os laços políticos que podem favorecer ou prejudicar a mobilização.

4.3.5.1 A reserva da Serrinha no Engenho Velho

O Engenho Velho se consolidou com a desapropriação de terras indígenas e grilagem da reserva florestal da Serrinha, se passaram anos até que um novo processo de demarcação fosse estabelecido e as terras fossem devolvidas. Em 16 de julho de 1997, por meio da Ação Civil Pública 97.1201417-7 pelo Ministério Público Federal (MPF) contra a União Federal e a Fundação Nacional do Índio (Funai), foi iniciado o processo. O território do Engenho Velho e partes de Constantina estavam em atenção e muitos conflitos foram registrados - a exemplo do Capinzal.

Em meados de 1998, a demarcação da Terra Indígena Serrinha foi consolidada. No entanto, a reintrodução das famílias indígenas no interior da área de Serrinha ocorreu à medida que ocorria a retirada dos colonos. Muitas famílias que viviam no Engenho Velho foram encaminhadas para outros locais, já que 53% do território do Engenho foi considerado território indígena. A dinâmica do município se alterou e o contato entre indígenas e não-indígenas ainda gera muitos casos de violência e preconceitos.

Tem as comunidades no interior, por exemplo, antes de vir, como é que se diz? Veio os colonos e habitaram a terra onde era a reserva do estado. Aí o governo deu o

título de posse para esses agricultores. Depois vieram os índios e reivindicaram as terras e os colonos foram embora. Mas quando esses colonos estavam em cima da terra, as comunidades eram bem estruturadas. A maioria delas tinha o time de futebol, tinha o seu salão, a sua igreja, o salão para fazer as festas, né? Que onde tantos times ou clubes da comunidade faziam as festas no mesmo salão da comunidade e da igreja, né? Todas as comunidades tinham seu time de futebol. (MULHER, Constantina, out. 2025. Transcrição digitada 9p.)

Nesse sentido, o futebol também foi impactado, já que muitos dos atletas do 1º de Maio deixaram o local. Conforme relato das fontes, atualmente o time conta com muitos indígenas no elenco, com time masculino e feminino. “Não fossem os indígenas, não sei se ainda teríamos um time com condições de disputar competições”, pontuaram as fontes na entrevista.

4.3.6 Liberato Salzano

Quando Constantina foi emancipada e se tornou município também ficou com o distrito de Liberato Salzano, um local peculiar pela geografia, com muitas montanhas, 400 metros acima do mar - com pontos que passam dos 600 metros. Os colonizadores chegaram na primeira década do século XX, conforme consta na página oficial da Prefeitura, os quais vieram fugidos de Palmeira das Missões devido a conflitos políticos da Revolução de 1923.

Mas foi em 1931 que um grupo de famílias provenientes do município de Guaporé/RS, chegou ao local e deu início ao progresso agrícola em Liberato Salzano - na época chamado de Baitaca. Segundo informações da época, ter-se-ia dado este nome devido à quantidade de papagaios, ainda existentes, e de cor verde. Em 1958 foi alterado o nome de Baitaca para definitivamente Liberato Salzano.

A economia de Liberato girava em torno da produção agrícola de grãos e frutas, com o tempo os agricultores focaram na produção de fumo e laranja - atualmente o local conta com uma indústria de suco de laranja que atua com exportação. Com a imigração italiana, a comunidade também buscou por um espaço para professar a fé e construiu uma igreja em homenagem a São Sebastião - padroeiro de Liberato Salzano.

O futebol também nasceu entre as montanhas com os times Serrano de Liberato Salzano e Benfica, dois dos mais antigos em que há relato. Com o tempo surgiram outras equipes, entre elas o Laranja Mecânica em referência a significativa produção do cítrico no território. Com relação a Liberato Salzano não foi possível coletar muitos detalhes sobre a história do esporte no local.

Em março de 1964, a população participou de um plebiscito para decidir por tornar o Distrito de Liberato Salzano em município. Com a aprovação, em 1º de junho de 1964, através da lei governamental de nº 4.736, foi criado o município de Liberato Salzano.

5 FUTEBOL COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E IDENTITÁRIA

5.1 Futebol, superstições e o impacto cultural do esporte em Constantina

Por meio do material coletado nas entrevistas, foi possível observar padrões gerais de comportamento, mas especialmente características singulares de cada grupo. Por mais que houvesse alemães, italianos, caboclos, negros e indígenas, em cada local que chegavam a realidade se apresentava de forma diferente - fosse pela organização territorial, geografia ou miscigenação de cultura.

Para perceber as peculiaridades de cada grupo, iremos observar detalhes que vão da escolha do santo padroeiro ao nome do time de futebol, a formação das torcidas e a reza na beira do campo. Quem inspira tal reflexão é Carlo Ginzburg, na obra *O queijo e os vermes*, em que ele relata que “temos condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos.” (GINZBURG, 2006, p. 9) Cada atitude dentro e fora de campo poderia interferir na partida, fosse a reza em algumas comunidades católicas ou a ‘prova’ feita em comunidades italianas que viviam com caboclos e indígenas.

O caso da ‘prova’ ocorria no Engenho Velho, onde, na véspera de cada jogo importante, eram cortadas duas bananeiras, cada qual marcada para determinar a representante de cada time. No dia seguinte, o responsável pela ‘prova’ observava qual havia brotado mais e saberia dizer até por quantos gols o time da casa venceria ou seria superado. Ao se tratar de futebol o misticismo reinava, não importava a crença, o que pudesse ajudar era naquilo que iriam acreditar. Mas é fundamental observar que as superstições e crenças, não como falta de conhecimento ou cientificismo, mas sim como um elemento cultural de identidade.

Essa identidade, no caso de Constantina e do Engenho Velho, está intrinsecamente ligada à terra e ao trabalho braçal. A escolha da bananeira para a 'prova' não é um acaso; ela reflete a cosmovisão de um trabalhador rural cuja vida e subsistência dependem dos ciclos da natureza, do brotar das plantas e do clima. O misticismo do futebol apropria-se dos elementos do trabalho agrícola. Para o colono, o caboclo e o indígena, a terra que dá o sustento é a mesma terra que dá os sinais da sorte no jogo. Assim, a superstição esportiva atua como uma extensão da própria relação empírica que esses sujeitos mantêm com a agricultura,

demonstrando que o futebol não estava descolado da realidade do trabalho, mas profundamente enraizado nela.

Para além das crenças, há ainda o que se torna história ou “anedota”. “Emergiu assim um filtro, um crivo que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os textos [...] Esse crivo, por outro lado, pressupunha uma cultura oral...” (GINZBURG, 2006, p. 9) No caso da presente pesquisa, tradições dos times e comunidades são também um “crivo”: o grupo seleciona o que vira memória oficial, o que vira “causo”, o que vira regra tácita. Esse recorte trata ainda sobre o impacto da seleção da fonte para a pesquisa e o recorte temporal do estudo.

É preciso compreender que, para a classe trabalhadora rural, os operários das olarias e os indígenas, a oralidade não é apenas uma escolha narrativa, mas muitas vezes a única forma de preservação de sua história. Diferente das elites urbanas, cujos clubes de futebol possuíam atas registradas, fotografias posadas e cobertura em jornais impressos, o futebol de várzea em Constantina dependia da memória viva. O 'causo' — a anedota exagerada, a lembrança do gol impossível ou da briga homérica — funciona como o arquivo histórico dos marginalizados. Quando Ginzburg fala sobre o 'crivo', podemos aplicar isso à forma como essas comunidades escolhem o que lembrar e o que esquecer. Eles eternizam na memória oral aquilo que lhes devolve a dignidade e a honra que, muitas vezes, o trabalho duro e a invisibilidade social lhes negam no dia a dia.

Outro conceito apresentado por Ginzburg (2006), se refere a “circularidade”. O autor aponta que “é possível resumir no termo ‘circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu... um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2006, p. 10). Seja a igreja, escola, comércio ou torcida se influenciam mutuamente na fabricação de “tradições do clube”, a ideia de um hino, símbolos, moralidades do jogo, narrativas de honra ou vergonha. Para Galeano, religião e futebol andam de braço dado; segundo ele “o estádio tem seus ritos, como a igreja; e o futebol, como Deus, exige sacrifício.” (GALEANO, capítulo “O Estádio”; 2013)

Nessa mesma perspectiva, ao olharmos para as crenças em torno do futebol, Eduardo Galeano, em *Futebol ao Sol e à Sombra*, explora de forma poética e crítica os simbolismos e rituais do futebol. “Os jogadores saem ao campo como quem vai à guerra. Cada um tem seu ritual, seu modo de espantar os maus espíritos e invocar a boa sorte: cruzam-se, beijam medalhas, tocam o gramado com a mão ou com os joelhos.” (GALEANO, capítulo “O Ritual”; 2013)

No caso das comunidades italianas e católicas é possível observar a relação do espaço da igreja com o local em que se instalava o espaço do campo, muitas vezes o nome do padroeiro também interferia na nomenclatura da equipe. Como o Grêmio São Marcos e o Clube Juventude de Rodeio São João, alguns exemplos que levam o nome do padroeiro local também como nome do time de futebol.

Essa simbiose entre a instituição religiosa e o esporte não se dava apenas no plano da fé, mas também na organização do espaço e no controle social. Em muitas dessas comunidades, o campo de futebol era construído fisicamente ao lado da capela e do salão paroquial, formando o tripé da vida comunitária. Ao batizar o time com o nome do santo padroeiro, a Igreja garantia que a moralidade religiosa se estendesse para dentro das quatro linhas. O futebol, sendo a atividade de maior atração para os jovens trabalhadores, era 'apadrinhado' pela religião como uma forma de manter essa juventude próxima à comunidade, evitando a dispersão, o alcoolismo excessivo ou o êxodo rural precoce. O padre ou o líder religioso local muitas vezes atuava como um mediador de conflitos no esporte, mostrando que, no interior, o sagrado e o profano (o jogo) precisavam coexistir para manter a coesão social da classe trabalhadora.

Outra prática religiosa, prioritariamente feita pelas mulheres, era a de rezar para que os santos protegessem os filhos e maridos de lesões, brigas e os premiasse com vitórias. "No futebol, como na vida, a fé é indispensável. Os torcedores acreditam em milagres, em santos, em amuletos, e às vezes até acreditam nos árbitros" (GALEANO, capítulo "O Torcedor"; 2013). Foer escreveu algo muito semelhante ao se referir aos torcedores: para ele "os torcedores são, acima de tudo, criaturas de fé. Eles acreditam no impossível, no improvável, e muitas vezes no absurdo." (FOER, Prólogo; 2005)

Foer também nos auxilia na compreensão do papel do futebol no contexto social e construção de uma identidade comunitária. Ele detalha que o futebol "é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições." (FOER, Prólogo; 2005) Observamos nas entrevistas que em especial o lazer, passou a ter o futebol como um evento central em que as famílias se reuniam para jogar e assistir, havia celebrações com churrasco, venda de bebidas e até mesmo música. Os torneios eram eventos importantes, mobilizaram comunidades inteiras e representavam uma das poucas atividades sociais para além do trabalho. É claro que havia bailes, algumas festas e outros jogos, mas apenas o futebol contava com homens e mulheres de diversas idades - é claro, apenas os homens jogavam, os demais apenas assistiam.

Contudo, afirmar que as mulheres 'apenas assistiam' seria invisibilizar o trabalho reprodutivo e de cuidado que sustentava a própria existência do futebol de várzea. Se o

futebol era o momento de lazer e protagonismo masculino, ele dependia de uma engrenagem feminina nos bastidores. Eram as mulheres as responsáveis por lavar os uniformes encardidos de barro e suor — um trabalho manual árduo, muitas vezes feito em tanques ou rios —, além de prepararem os alimentos que seriam vendidos ou consumidos nas festas que financiavam os clubes. O porco ou a ovelha dados como prêmio, assim como o churrasco das celebrações, passavam pelo preparo e organização feminina. Portanto, a construção identitária do clube de futebol se apoiava em uma divisão sexual do trabalho muito nítida: aos homens, o espaço público do campo e a glória do jogo; às mulheres, o trabalho invisível que garantia a viabilidade material do espetáculo e a manutenção dos laços comunitários.

Foer também reflete sobre o papel do futebol na construção de senso de coletividade e união nas comunidades. Segundo o autor, “os clubes de futebol ajudaram a aglutinar pequenas comunidades...” (FOER, Prólogo; 2025) Podemos perceber esse elemento em momentos como a construção de um campo, por exemplo, em que alguém doa a terra, a comunidade se reúne para retirar as pedras e ervas daninhas presentes, para cercar o espaço e também na organização dos torneios: um doava um porco, outro uma ovelha e esses eram os prêmios para os times vencedores. O próprio ato de viajar junto, na caçamba de um caminhão, onde aquele que dispunha do veículo proporcionava transporte aos demais.

Esse deslocamento na caçamba do caminhão é, por si só, um evento sociológico que merece destaque. O caminhão, que de segunda a sábado era o principal instrumento de escoamento da produção agrícola e do trabalho pesado, aos domingos era ressignificado. Ele deixava de transportar sacas de grãos ou animais para transportar sonhos, rivalidades e a própria comunidade. Aquele que possuía o veículo — geralmente alguém em uma condição econômica ligeiramente superior — não o utilizava como ferramenta de distinção social no domingo, mas sim como um vetor de solidariedade. A viagem na caçamba, com sol ou chuva, poeira ou barro, criava um senso de pertencimento inquebrável. Era nesse trajeto que os laços de classe e de vizinhança se estreitavam, entoavam-se cantos e forjava-se a identidade do 'nós' (a nossa linha, o nosso time) em oposição ao 'eles' (os adversários da linha vizinha).

5.2 O futebol de várzea e a bricolagem

A maior parte da pesquisa se deteve no futebol de várzea, conceito anteriormente descrito por Damo (2002), mas também há de se considerar o futebol de bricolagem, aquele praticado com pouco ou nenhum equipamento, feito de improviso. O futebol de várzea era a prática dos adultos, que se organizavam em times, sociedades, com escudos, nome e infraestrutura de uniformes, bola e locais adequados para os jogos. Em cada uma das

comunidades, distritos e bairros observados - com exceção do bairro São Roque - houve a estruturação de times, construção de campos de futebol e a formação de uma sociedade em que os membros contribuíam com os eventos e com a manutenção da infraestrutura.

O bairro São Roque contém elementos de construção histórica e cultural que fazem daquele espaço distinto dos demais. Lá havia algo muito mais próximo da bricolagem do que da estrutura de um futebol de várzea, já que não havia o espaço de um campo para jogar, o que se tinha era a rua ou o quintal de casa - até mesmo um terreno baldio de chão batido.

Essa ausência de um campo oficial no Bairro São Roque não é um mero detalhe geográfico, mas um reflexo direto das condições de classe e da marginalização espacial. Enquanto nas linhas e comunidades rurais de descendência europeia havia a figura do proprietário de terras que podia doar um pedaço de sua propriedade para a construção do campo e do salão, no Bairro São Roque a realidade fundiária e econômica era outra. A população, muitas vezes empurrada para as periferias ou áreas de menor valorização, não dispunha de terras excedentes. O futebol jogado na rua ou no terreno baldio é, portanto, a expressão máxima da resistência de uma classe trabalhadora precarizada, que, mesmo destituída do espaço formal de lazer, subverte a lógica da exclusão e transforma qualquer pedaço de chão batido em um território de pertencimento e sociabilidade.

Na presente pesquisa, o futebol de bricolagem está identificado como um jogo das crianças e adolescentes, no qual eles utilizavam materiais do cotidiano rural para a atividade. Nos relatos de comunidades rurais, a bricolagem tinha características singulares como a bola feita com a bexiga do porco. O material era cheio de ar por meio de um funil feito de palha de milho, a bexiga estufada era colocada para secar, o material endurecia e estava pronta a bola - isso até que alguém acabasse chutando muito forte ou esbarrando em um espinho e ela furasse.

O uso da bexiga de porco é um dos exemplos mais fascinantes da bricolagem e revela a capacidade de adaptação material das famílias rurais. A bola de couro era um artigo de luxo, inacessível para a imensa maioria dos trabalhadores da época. A solução encontrada vinha do próprio ciclo de subsistência: a carneação (abate do porco), que era um evento central para garantir a alimentação da família durante os meses de inverno, fornecia também o 'brinquedo'. A bricolagem, nesse sentido, não é apenas um improviso infantil, mas a materialização da resiliência de uma classe que aprende a extrair o lazer das sobras do seu próprio trabalho. O lúdico nasce das entranhas da necessidade.

A bricolagem também pode ser observada como uma espécie de rito de passagem entre aquele “futebol das crianças” e o “futebol dos adultos”. A prática de brincar de bola foi

a maneira de formar base e construir as futuras gerações de atletas para os times principais que jogavam os torneios de fim de semana. Também é possível observar entre os relatos que, com a diminuição da quantidade de filhos por família e a saída de muitos moradores das comunidades, se reduziu o futebol de bricolagem e o impacto com o passar dos anos foi o encerramento das atividades dos times principais na maior parte dos territórios estudados.

Para o jogo nada de campo, era em meio ao potreiro onde ficavam bois e vacas, muitas vezes contavam com pedras e dejetos dos animais em meio a um drible. Com os pés descalços, as crianças, após auxiliar no trabalho da lavoura, poderiam brincar, se reunir com irmãos, vizinhos e fechar os times. O jogo era aprendido aos poucos, viam os pais e os irmãos mais velhos jogar e assim se iniciavam no esporte.

Por fim, é imperativo refletir sobre o paradoxo do esforço físico. As crianças, os jovens e os adultos que corriam atrás da bola nos finais de semana eram os mesmos sujeitos submetidos a jornadas exaustivas de trabalho manual na lavoura, sob o sol forte, lidando com enxadas, foices e o peso das colheitas. Por que, após uma semana de tamanho desgaste físico, esses trabalhadores escolhiam o futebol — uma atividade que exige extremo vigor — como forma de descanso? A resposta reside na natureza do esforço. No trabalho agrícola (ou nas olarias e madeireiras da região), o corpo do trabalhador é um instrumento de produção, muitas vezes alienado e submetido à necessidade de sobrevivência. No campo de futebol, o esforço físico é libertador. Correr atrás da bola, driblar a pedra no potreiro e marcar o gol representam a retomada do controle sobre o próprio corpo. O futebol de várzea e de bricolagem oferecia a esses trabalhadores a oportunidade rara de serem os donos de suas próprias regras, transformando o suor da exploração semanal no suor da liberdade dominical.

6 CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como propósito compreender de que maneira o futebol, em Constantina/RS, constituiu-se como prática social capaz de produzir e reorganizar pertencimentos, rivalidades, sociabilidades e memórias coletivas. Ao tomar o período de 1950 a 1970 como recorte principal, buscou-se mapear a formação de comunidades rurais e urbanas e identificar como o esporte se inseriu no cotidiano local, atravessou experiências de trabalho, religiosidade, gênero e lazer. Sustenta-se, ao longo do estudo, que o futebol amador atuou como um instrumento de transformação histórica: ele não apenas refletiu mudanças sociais e territoriais, como também ofereceu meios concretos e simbólicos para a construção de identidades comunitárias.

Apesar de não ser o foco principal, o período de 1970 até o fim dos anos de 1990 também aparece no estudo com relatos de momentos da prática esportiva em alguns grupos. Os casos mostram formações tardias das equipes esportivas até o encerramento de muitos times. O recorte temporal não foi explorado com intensidade, mas apenas como registro, já que o objetivo principal era o relato das formações iniciais das comunidades e a presença do esporte em cada território.

Os dados obtidos por meio das entrevistas e da reconstrução histórica das comunidades indicam, em primeiro lugar, que o futebol foi um organizador do tempo social. Os jogos e campeonatos marcaram calendários, deslocamentos e expectativas, atuaram na articulação de encontros entre famílias, vizinhanças e localidades. Mesmo quando a infraestrutura era precária — campos improvisados, materiais escassos e práticas “criativas” —, o futebol se manteve como evento que mobilizou celebrações e consolidou redes de convivência.

Além disso, o futebol se mostrou como um instrumento de marcação de grupos familiares como poder simbólico na construção das comunidades, seja na estruturação física ou nas decisões sobre denominação dos locais. Foi possível observar que algumas comunidades como a linha Gheller, Sabadin, Bressan, Scolari e Bonfanti carregam o sobrenome de famílias presentes em cada localidade - muitas vezes, famílias numerosas ou de posses. No aspecto esportivo, algumas das famílias doavam terras para construção dos campos e tinham no elenco muitos jogadores com determinados sobrenomes - o que gerava influência e hierarquia nos clubes.

Outro ponto que pode ser observado na pesquisa é a presença das mulheres nas margens do jogo. As mulheres estavam presentes nos eventos e na organização esportiva, no entanto, elas não entravam em campo e não jogavam. Neste ponto, inclusive, é importante

salientar que o governo brasileiro proibiu a prática do futebol para as mulheres por 40 anos. O veto começou em 1941, na ditadura do Estado Novo (1937-1945), quando o presidente Getúlio Vargas assinou um decreto-lei tirando das mulheres o direito de praticar esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”⁴. Essa decisão ligada aos aspectos culturais da região em que Constantina estava inserida, afetaram diretamente o espaço ocupado no futebol local. Para as mulheres era reservado o cuidado, fosse com o uniforme ou com os atletas, e a torcida.

Em segundo lugar, o futebol operou como um dispositivo de pertencimento. As comunidades produziram identificação por meio dos times, uniformes, cores, nomes, narrativas de origem e memórias de partidas. Rivalidades locais, longe de serem apenas conflitos esportivos, funcionaram como forma de delimitar fronteiras simbólicas e afirmar coletivos: ser “de tal comunidade” também significava torcer, contar e recontar certos jogos, valorizar determinados personagens e reconhecer códigos compartilhados.

Em terceiro lugar, a pesquisa evidenciou que o futebol foi atravessado pela religiosidade e por práticas culturais locais, que interferiram tanto nos sentidos atribuídos ao jogo quanto nas formas de participação. Elementos como fé, promessas, cuidados cotidianos, interpretações sobre sorte/azar e a relação com resultado esportivo mostraram que o futebol não esteve isolado do mundo social, ao contrário, foi um espaço onde valores comunitários se atualizavam. Ainda nesse aspecto, foi possível verificar, por meio da análise dos relatos, que nas comunidades de origem italiana o espaço da fé e do esporte eram próximos e estavam conectados no núcleo central da comunidade. No entanto, em comunidades de descendência alemã esses dois elementos estavam separados, a igreja era o centro da comunidade, já o esporte era periférico.

Em quarto lugar, com base na análise das entrevistas coletadas para a pesquisa, foi possível observar três formatos principais de organização da vida em comunidade e a presença do esporte em cada um desses espaços: a organização dos imigrantes italianos; os alemães e; os negros. Importante destacar que os indígenas e caboclos que permaneceram nas terras passaram a adaptar-se ao modo de vida dos colonos - em especial com os italianos. No entanto, isso não significa que eles próprios não tenham feito parte da construção social e cultural do espaço, muito pelo contrário, o impacto da presença indígena e cabocla em meio aos colonos auxiliou na estruturação de características singulares - mas mantidos na margem das histórias e construções da coletividade.

⁴ Decreto-Lei 3.199.

Ao considerar comunidades formadas por imigração italiana e alemã, descendentes de negros escravizados e ex-escravizados, e grupos indígenas Kaingang e Guaraní Nandeva, a pesquisa permitiu observar que o futebol esteve presente em todos os contextos, porém não da mesma forma. As entrevistas sugerem que o acesso a recursos, equipamentos, informações e espaços de jogo variou entre localidades, influenciou os modos de organização das equipes, frequência de jogos e projeção em certames. Além disso, a presença desses sujeitos nos espaços comunitários não era tratado com o mesmo peso dos colonos - já que é possível observar nos relatos que os negros e caboclos eram ‘contratados’ para prestar serviço para as famílias com mais posses e os indígenas eram vistos como violentos e aqueles que queriam ‘roubar as terras’.

Nesse sentido, o futebol também funcionou como lente para perceber desigualdades e assimetrias: quem tinha campo mais estruturado, quem podia deslocar-se com mais facilidade, quem contava com maior apoio comunitário ou institucional e quem permaneceu menos visível nos registros e nas narrativas públicas. A História Oral mostrou-se decisiva para reduzir esses silêncios e ampliar o repertório de vozes que compõem a história local, além de proporcionar registros inéditos da realidade e inserção do esporte no cotidiano do período estudado. Ainda, por meio da pesquisa, foi possível chegar a todos os recantos de Constantina, observar as peculiaridades da formação local e como o esporte impactou o sentido de identidade de cada grupo - como impactou e ainda reverbera.

Embora o recorte central dedique-se aos momentos pré-emancipações, os desmembramentos de territórios e demarcações de terras indígenas posteriores - com Liberato Salzano em 1964; e especialmente Engenho Velho, 1992; Novo Xingu, 1996 - foram mobilizados como chave interpretativa por explicitar processos em curso nas décadas anteriores. A pesquisa aponta que mudanças territoriais e políticas não ocorreram separadas da vida comunitária: elas dialogaram com diferenças culturais, formas de organização econômica, com os espaços e redes locais de sociabilidade — dimensões nas quais o futebol tinha papel relevante.

Desse modo, compreende-se como o futebol em Constantina ajudou a interpretar também o modo como comunidades negociaram pertencimentos, reforçando identidades e produzindo distinções internas, inclusive em momentos de redefinição do território e de reorganização de recursos e centralidades. Também foi o futebol o elemento decisivo para as construções de identidades, pois, por meio dele, gerações ainda preservam fotografias, uniformes, troféus e memórias de um jogo que muitas vezes sequer jogaram.

A principal contribuição desta dissertação é demonstrar que o futebol amador, quando observado a partir das comunidades, constitui uma via privilegiada para analisar história regional e relações sociais. Ao articular memória, trabalho, religiosidade e lazer, o estudo registra experiências que frequentemente permanecem fora das narrativas “oficiais”, ao fortalecer a compreensão da formação social de Constantina e na ampliação dos registros da região Noroeste do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, evidencia-se que a história do futebol local não é um tema secundário: ela permite acessar práticas cotidianas, vínculos de solidariedade, memórias, conflitos, formas de reconhecimento coletivo e identidades.

Como toda pesquisa baseada em fontes orais, este trabalho encontra limites nas lacunas da memória, nos silêncios, nas disputas narrativas e na desigualdade de registros entre comunidades. Ainda assim, tais limites não enfraquecem a análise, ao contrário, indicam caminhos para investigações futuras, como: aprofundar comparações entre comunidades específicas; ampliar o diálogo com fontes de imprensa e documentação institucional; explorar recortes de gênero e geração; ou avançar para o período posterior a 1970 com a revolução verde e 1990, quando a intensificação da globalização midiática e do consumo esportivo reconfigurou a relação com o futebol local; além dos processos de migração para outros territórios com um significativo movimento de êxodo; além de aprofundar a análise sobre a vivência indígena com relação ao esporte importado.

Ao final, reafirma-se que o futebol em Constantina foi além do jogo: ele era memória partilhada, trabalho comunitário, ritual, disputa, identidade e festa. Entre campos improvisados, trajetos entre linhas e bairros, e narrativas que sobrevivem na oralidade, o futebol permaneceu como linguagem capaz de transformar a experiência coletiva em história. Olhar para esse passado — com rigor, mas também com o “brilho nos olhos” que aparece nas entrevistas — é reconhecer que a criatividade, a fé e a sociabilidade construíram comunidades tanto quanto qualquer marco institucional. Assim, registrar e interpretar essas trajetórias é também um gesto de valorização histórica: um modo de garantir que o que parecia pequeno (um jogo, um campo, um time) diga muito sobre quem fomos e sobre como nos tornamos Constantina.

Poder pesquisar o futebol de Constantina é, como escreveu Ginzburg (2006), “um fragmento despercebido, todavia extraordinário, da realidade... e que coloca implicitamente uma série de indagações para nossa própria cultura e para nós.” (GINZBURG, 2006, p. 10) Poder visitar e observar as histórias, causos e tradições que moldaram gerações, construíram comunidades e famílias para além dos laços de sangue, é uma oportunidade de aprendizado que transborda a pesquisa científica.

7 REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Tradução: Denise Bottman. Estados Unidos: Companhia das Letras, 1983.

BAENINGER, Rosana. **São Paulo e suas migrações no final do século XX**. São Paulo: Departamento de Demografia; 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300008>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMPOS, Fernando, R.G. **Uma Geografia do Futebol Amador: Espaços de Representação do Futebol Amazonense e de "Peladão"**. Curitiba, 2009.

CARINI, Joel João. **Das posses dos Valérios a Engenho Velho: evolução histórico-territorial do município de Engenho Velho/RS (1890-1990)**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2014.

CENCI, Valeria. **Dentro e Fora das Quatro Linhas: o futebol como instrumento de transformação em Constantina**. Chapecó: Palma da Mão, 2020.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e estética**. São Paulo em Perspectiva, v. 15, p. 82-91, 2001.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei. **Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política**. FuLiA/UFGM, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2018.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; BERTUCCI, Liane Maria. **Experiência e cultura: contribuições de E. P. Thompson para uma história social da escolarização**. Currículo sem Fronteiras, v. 9, n. 1, p. 10–24, jan./jun. 2009.

FIGUEIREDO, Filipe; PINTO, Matias. **Fronteiras Invisíveis do Futebol: Rio Grande Do Sul**. Ep. 21. 1h12min. Central3: 2016. Disponível em: <<http://www.central3.com.br/fronteiras-invisiveis-do-futebol-21-rio-grande-do-sul/#>>. Acesso em: 27/05/20.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRAGA, Gerson Wasen. **Civilização em jogo: atraso contra modernidade na Copa do Mundo de 1950 através da imprensa escrita brasileira**. REA – Revista Euroamericana de Antropologia, v. 12, p. 31-50, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14201/rea2021123150>. Acesso em: junho de 2025.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Christianne Luce. **LAZER: NECESSIDADE HUMANA E DIMENSÃO DA CULTURA**. Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq/Fapemig: Grupo de Pesquisa Otium – Lazer, Brasil & América Latina, Belo Horizonte. Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GONÇALVES, Cleber Augusto; MELO, Victor Andrade de. **Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970)**. Movimento: Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 249-271, julho/setembro de 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE CIDADES. Disponível em: <idades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28/03/20.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Inácio Crochemore da. **Notas etnográficas sobre o futebol de várzea**. Movimento. Rio Grande do Sul: vol. 16, nº 3, 2010, pp. 155-179. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115316960009.pdf>>. Acesso em: 26/05/20.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA; Francisco Carlos Teixeira da. **Terra Prometida: uma história da Questão Agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 111-192.

LOPES, José Sergio Leite. **Lazer, trabalho e cultura popular**. 2003.

LOPES, Leila. **Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil**. Jornal da USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson**. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, p. 5-26, janeiro-junho de 2010.

QUADROS, Claudemir de. **Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande Do Sul (1959-1963)**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jan/jun 2001.

RIBEIRO, Clarice Pereira de Paiva. Os critérios de distribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM-Interior) e suas implicações no desenvolvimento socioeconômico dos municípios brasileiros. **Revista Cadernos de Finanças Públicas**, Brasília, Ed. Especial, p. 1-35, 2023. Disponível em: <<https://publicacoes.tesouro.gov.br/index.php/cadernos/article/view/203/211>>. Acesso em: 29 de jun de 2024.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 165-198.

RUCKERT, Aldomar Arnaldo. **As pequenas cidades coloniais do norte do Rio Grande do Sul**. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.9, p.25-32, 1981. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39729/26160>>. Acesso em: 01/07/2024.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DA FAMÍLIA. **Famílias e Filhos do Brasil**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2023.

POLI, Jaci. **Caboclo: pioneirismo e marginalização**. In: CEON. Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEON. Chapecó/SC, 1995, p. 73-74.

SANTOS, Valmor Souza dos (org.). **Constantina: 50 anos de história e histórias**. Porto Alegre: WS Editor, 2011.

SENADO FEDERAL. **Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização**. Agência Senado, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao>. Acesso em: 3 jun. 2023.

TEDESCO, João Carlos. **Ruminantes de memórias: sentimentos, experiências e silêncios deliberados**. História: Debates e Tendências, v. 13, n. 2, p. 343-353, jul./dez. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.13n.2.3724>.

TEDESCO, João Carlos. **O futuro do passado: patrimônio cultural, etnicidade e vida rural no nordeste do RS**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 3, n. 8, jan./jun. 2013.

TEDESCO, João Carlos; SILVA, Emerson Neves da. **Igreja Católica, questão agrária e a luta social no campo (1950-1980)**. Cadernos do CEOM, Chapecó (SC), v. 33, n. 52, p. 105-121, jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2020.52.08>.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e o confronto político**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. **Terra Indígena Serrinha**. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4013#municipios>>. Acesso em: 20 mar. 2022.